



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

CAROLINE ILTCHENCO ZANETTI

**DE VERBOS DE POSSE A VERBOS AUXILIARES MODAIS:  
UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS PERÍFRASES MODAIS  
COM *TER* E *HVER* NO PORTUGUÊS**

Brasília  
2020

CAROLINE ILTCHENCO ZANETTI

**DE VERBOS DE POSSE A VERBOS AUXILIARES MODAIS:  
UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS PERÍFRASES MODAIS  
COM *TER* E *Haver* NO PORTUGUÊS**

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como pré-requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

Brasília  
2020

*Dedico este trabalho aos meus pais, por serem meus  
maiores exemplos e os maiores incentivadores dos  
meus estudos e da minha carreira.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, por serem meus maiores exemplos de perseverança e de dedicação, por sempre me apoiarem de todas as maneiras possíveis, por me incentivarem a estudar e por sempre acreditarem em mim.

À minha irmã, por ter me incentivado a seguir meu coração e entrar para o curso de Letras, e por ter me dado o melhor presente de formatura: a pequena Heloísa.

Ao meu orientador, por todo apoio que me deu durante o desenvolvimento da minha pesquisa, por ter sido sempre compreensivo, acessível e prestativo, e por ter me ensinado tanta coisa como professor e como orientador.

À Universidade de Brasília, por ter me concedido uma bolsa de estudos durante a minha participação no Programa de Iniciação Científica (ProIC), o que possibilitou que eu me dedicasse inteiramente à pesquisa acadêmica durante um tempo.

Aos amigos que fiz na graduação, por terem tornado os meus dias na universidade mais felizes, por terem me ajudado ao longo de toda a minha jornada acadêmica e por terem compartilhado comigo momentos especiais e inesquecíveis.

Ao meu namorado, meu parceiro de vida, por sempre acreditar em mim, por estar ao meu lado nos momentos bons e ruins e por me incentivar a ser uma pessoa melhor a cada dia.

E, por fim, aos meus melhores amigos, que estão comigo desde o Ensino Médio, por sempre me incentivarem, por acreditarem no meu trabalho e por serem tão presentes e essenciais na minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar como se deu o processo de mudança linguística dos verbos “ter” e “haver” na língua portuguesa. Nossa hipótese é a de que eles, inicialmente, verbos de posse passaram a ser utilizados como verbos auxiliares modais. Sendo assim, procuramos identificar as prováveis origens das perífrases modais com “ter” na língua portuguesa e determinar as diferenças entre as perífrases com “ter” e “haver” no português arcaico. Para isso, realizou-se uma pesquisa, de caráter diacrônico, que investigou os usos desses verbos do século XIII ao século XVIII, analisando um total de vinte e quatro textos, dos mais variados gêneros. Com base nessa pesquisa, foi possível identificar as primeiras aparições das perífrases “ter de” e “ter que” na língua portuguesa e também encontrar alguns vestígios do processo que leva à gramaticalização do verbo “ter” pleno e o conseqüente surgimento do verbo auxiliar modal “ter que”. Também foi possível, através da pesquisa, determinar as diferenças entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no período arcaico, entendendo por que o primeiro verbo suplantou o segundo no uso como auxiliar modal e em outros usos.

**Palavras-chave:** Modalidade

Verbo auxiliar modal

Verbo “ter que” / “ter de”

Verbo “haver de”

Diacronia

Gramaticalização

## ABSTRACT

The present work aims to analyze how the linguistic change of the Portuguese verbs "ter" and "haver" (versions of verb "to have") took place. Our hypothesis is that these verbs initially associated with the meaning of possession started to be used as modal auxiliary verbs. Based on this, we seek to identify the probable origins of the modal periphrases with verb "ter" in Portuguese and to determine the differences between the periphrases with "ter" and "haver" in Old Portuguese. For this, a research of diachronic character was carried out and investigated the uses of these two verbs from the 13<sup>th</sup> to the 18<sup>th</sup> centuries, analyzing a total of twenty-four texts, of the most varied genres. Based on the collected data, it was possible to identify the first uses of the periphrases "ter de" (literally "have of") and "ter que" (literally "have that") in Portuguese and also to find some steps of the grammaticalization of the lexical verb "ter" and the consequent appearance of the auxiliary modal verb "ter que". It was also possible, through our research, to determine the differences between the modal periphrases with "ter" and "haver" in the Old Portuguese, understanding why the first verb supplanted the second in its use as a modal auxiliary and in other uses.

**Keywords:** Modality

Modal auxiliary verb

Verbs "ter que" / "ter de"

Verb "haver de"

Diachrony

Grammaticalization

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>01</b>
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Fundamentação teórica .....</b>	<b>02</b>
1.1 Diferenças lexicais entre <i>ter</i> e <i>haver</i> .....	02
1.2 Modalidade .....	04
1.3 As perífrases modais do português .....	06
1.4 A gramaticalização de <i>ter</i> e <i>haver</i> em auxiliares modais .....	08
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Metodologia de pesquisa .....</b>	<b>13</b>
2.1 Fontes de dados e procedimentos de seleção do <i>corpus</i> .....	13
2.2 Os dados colhidos .....	15
2.2.1 Os usos do verbo <i>ter</i> no português arcaico e no português moderno .....	15
2.2.2 Os usos do verbo <i>haver</i> no português arcaico e no português moderno ..	23
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Análise dos dados .....</b>	<b>38</b>
3.1 O surgimento das perífrases com <i>ter</i> .....	38
3.1.1 <i>Ser teudo de</i> e <i>ter de</i> .....	38
3.1.2 Ambiguidade estrutural com <i>ter que</i> .....	41
3.2 Diferenças modais entre as perífrases com <i>ter</i> e <i>haver</i> .....	44
<b>Considerações finais .....</b>	<b>49</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

A mudança dos verbos “ter” e “haver”, que os levou a se tornarem verbos auxiliares de tempo e modalidade, já é há muito tempo estudada por gramáticos e linguistas. Levando em consideração as diversas propostas que explicam o processo de mudança desses verbos, realizei neste trabalho uma análise dos usos de “ter” e “haver” no português arcaico e no português moderno, indo do século XIII ao século XVIII, e buscando: primeiramente, identificar as prováveis origens das perífrases modais com “ter” na língua portuguesa e, depois, determinar as diferenças semânticas entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no português arcaico.

Baseando-me nas propostas de gramaticalização de Barros (2012) e Coelho (2006), nas análises lexicais de “ter” e “haver” feitas por Brocardo (2006, 2014) e Mattos e Silva (2006), na teoria performativa de Portner (2009) e nas teorias sobre a origem das perífrases modais de Said Ali (1966) e Lunguinho (2009), busco traçar um percurso diacrônico dos verbos “ter” e “haver” que leve à compreensão do processo de gramaticalização desses verbos. Assim, a minha análise parte dos usos lexicais dos verbos estudados e foi até os seus usos como auxiliares de tempo e modalidade.

Para tanto, este trabalho se organiza em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica que baseia a investigação. O segundo capítulo descreve a metodologia da pesquisa e os dados colhidos. O terceiro capítulo corresponde à análise do *corpus*. Nesse capítulo, explica-se o surgimento das perífrases modais com “ter” e destacam-se as diferenças entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no português arcaico. Por fim, seguem-se as Considerações finais do trabalho, que fecham o trabalho e apontam outros caminhos de pesquisa futura.



# CAPÍTULO 1

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Diferenças lexicais entre *ter* e *haver*

Para traçar o percurso diacrônico das perífrases modais com “ter” e “haver” na língua portuguesa, não se pode deixar de levar em consideração as diferenças lexicais existentes entre os dois verbos. Said Ali (1966) afirma que os verbos “ter” e “haver” não são idênticos, como muitos pensam, e que, em seus usos lexicais, esses verbos carregam significados bem diferentes. Ele explica que, no português arcaico, “haver” tinha como significados lexicais “adquirir”, “alcançar”, “obter”, enquanto “ter” tinha como significados “manter”, “guardar”, “possuir”, os quais, segundo ele, correspondem a noções de posse mais duradouras.

Ao contrário de Said Ali (1966), Brocardo (2006, 2014) afirma que o verbo “ter” correspondia, no período arcaico, à noção de posse transitória, à uma espécie de “direito formal de uso” (BROCARD, 2014, p. 134), enquanto o verbo “(h)aver” correspondia à noção de posse permanente ou à uma relação perspectivada como inerente. Além disso, a autora explica que já na origem latina dos verbos se pode perceber as diferenças entre eles. Segundo Brocardo (2014), “habere” significava “ter”, “possuir”, enquanto “tenere” significava “segurar”, “agarrar”.

Mattos e Silva (2006), trazendo uma análise que se aproxima da de Brocardo (2006, 2014), afirma que, no período arcaico, o verbo “(h)aver” poderia indicar a posse de: a) bens materiais adquiríveis, b) qualidades imateriais adquiríveis e c) qualidades intrínsecas ao sujeito. O verbo “ter”, por sua vez, só poderia indicar os dois primeiros tipos de posse, não sendo usado para indicar posse de qualidades intrínsecas ao sujeito.

O que se percebe nessa contradição entre a análise de Said Ali (1966) e as análises de Brocardo (2006, 2014) e Mattos e Silva (2006) é que, na verdade, Said Ali (*op. cit.*) ora estava fazendo uma interpretação diferente de dados similares aos

analisados pelas autoras, ora estava olhando para um período da língua portuguesa que não o período arcaico.

O primeiro exemplo dado por Said Ali em *Dificuldades da Língua Portuguesa* é um trecho do testamento de D. Afonso II: “E mando que aqieste aver dos meus filhos que o **tenham** aquestes dous arcebispos com aquestes cinque bispos, ata quando **ajan** revora [...]” (SAID ALI, 1966, p. 138, grifo nosso). Na interpretação de Said Ali (*op. cit.*), o verbo “ter”, nesse exemplo, tem o significado de “manter”, “guardar”, que seria um sentido de posse mais duradouro (os arcebispos e os bispos mantêm / guardam os bens dos filhos do rei). Já o verbo “(h)aver” teria o sentido de “alcançar”, “obter” (eles devem guardar os bens até que os filhos alcancem “revora” / idade / maioridade). Esse mesmo exemplo, se fosse analisado por Brocardo (2006, 2014) e Mattos e Silva (2006), seria interpretado de outra forma. As autoras diriam que o verbo “ter” indica posse transitória, afinal, os arcebispos e os bispos estão apenas guardando os bens para depois entregá-los aos filhos do rei. Não se trata de uma posse permanente, nem intrínseca ao sujeito. O verbo “(h)aver”, por sua vez, indica a posse de uma característica inerente ao sujeito, já que se trata da “posse” da idade. Assim, o que se percebe, em muitos exemplos, é que se trata apenas de interpretações semânticas diferentes para os mesmos verbos, analisados no contexto do português arcaico.

Porém, também se observa que Said Ali, ao falar sobre os usos dos verbos na expressão de “estados do corpo ou da alma” (SAID ALI, 1966, p. 141), afirma que o verbo “ter” exprime o “sentimento que perdura”, ao passo que o verbo “(h)aver” exprime um estado passageiro. Contudo, os exemplos que ele fornece são todos de usos desses verbos no século XVI, período que já não faz parte do português arcaico e que corresponde ao início do português moderno.

Assim, neste trabalho, levaremos em conta as duas interpretações, adotando, contudo, os conceitos de Brocardo (2006,2014) e Mattos e Silva (2006) na nossa análise, já que esses conceitos explicam de forma mais coerente os usos lexicais dos verbos “haver” e “ter” no período arcaico.

Saindo de uma análise conceitual e partindo para uma análise estatística dos usos de “haver” e “ter”, percebe-se o quanto esses verbos mudaram semanticamente ao longo do tempo. Coelho (2006), analisando o processo de generalização da expressão de posse de “haver” e “ter”, realiza uma pesquisa quantitativa sobre os contextos de uso desses verbos nos períodos arcaico,

moderno e contemporâneo. De acordo com Cunha (1997), os sentidos etimológicos do verbo “haver” são “ter, possuir, alcançar, considerar, existir” (CUNHA, 1997, p. 404 *apud* COELHO, 2006, p.160) e o sentido etimológico do verbo “ter” é “‘estar na posse de’ ‘possuir, haver’” (CUNHA, 1997, p. 764 *apud* COELHO, 2006, p.155). Coelho (2006), então, busca determinar diacronicamente os sentidos não etimológicos, ou seja, os usos abstratos dos dois verbos.

Com relação ao verbo “(h)aver”, podemos aqui destacar os sentidos abstratos “obter” e “conseguir”, por serem muito comuns no período arcaico, correspondendo a 19% dos usos do verbo. Já com relação ao verbo “ter”, os sentidos “dispor de” e “manter” podem ser aqui destacados por terem surgido no período arcaico da língua portuguesa e se tornado mais comuns no período moderno, de modo que, no período arcaico, “dispor de” correspondia a 8,97% dos usos lexicais do verbo, passando a 12,9% no período moderno; enquanto “manter” correspondia a 2,07% dos usos no período arcaico, passando a 12,9% no período moderno, de acordo com Coelho (2006).

Assim, o que se percebe é que a interpretação de Said Ali (1966), discutida anteriormente, não é equivocada, já que, apesar de o verbo “haver” indicar posse permanente ou inerente ao sujeito, o seu sentido abstrato mais comum é o sentido de “obter” e “conseguir”. Além disso, o uso do verbo “ter” com o sentido de “manter” abre a possibilidade de uma dupla interpretação, já que, quando uma pessoa “mantém” algo, ela está na posse daquilo por um período de tempo contínuo, o que passa uma ideia de durabilidade. Contudo, a posse de algo que é “mantido” não é permanente.

Tendo feito essa análise dos usos lexicais dos verbos “haver” e “ter”, podemos seguir agora para a análise dos verbos em seus usos modais. Para isso, se faz necessário, primeiramente, explicar o que é modalidade. E é sobre isso que tratará a próxima subseção.

## **1.2 Modalidade**

De acordo com Kratzer (1981, 1991), modalidade é uma categoria linguística relacionada à expressão de necessidades e possibilidades (cf. LUNGUINHO 2010, 2014; VON FINTEL 2006; HACQUARD 2011). Nas línguas naturais, a modalidade

pode ser expressa de diversas formas. No Português, pode aparecer sob a forma de afixos, como o afixo “-vel” em “comível”, “lavável”; de substantivos, como “possibilidade”, “obrigação”; de adjetivos, como “possível”, “necessário”, “capaz”; de advérbios, como “provavelmente”, “necessariamente”, “talvez”; de verbos auxiliares, como “poder”, “dever”, “ter que”; de construções impessoais, como “ser possível que”, “ser certo que”; dentre outras.

Segundo o modelo formal proposto por Kratzer (1981, 1991 *apud* OLIVEIRA; SCARDUELLI, 2008), três aspectos estão presentes em sentenças modais: a *força modal* (dada pelo item lexical), a *base modal* e a *fonte de ordenação* (ambas fornecidas pelo contexto).

A força modal pode indicar: *possibilidade*, como em “Você *pode* sair se quiser”; *necessidade fraca*, como em “Você *deve* sair o quanto antes”; ou *necessidade forte*, como em “Você *tem que* sair até as oito horas”.

A base modal, por sua vez, se divide em epistêmica e raiz<sup>1</sup>. A diferença entre elas é visível nas sentenças “*Deve* chover hoje” e “Você *deve* chegar antes do horário”, em que a primeira indica necessidade tendo em vista o conhecimento do falante ou as evidências disponíveis no mundo (LUNGUINHO, 2010), e a segunda indica necessidade de acordo com algum conjunto de leis, regras ou princípios. A base modal raiz possui ainda as subdivisões: deontica (relativa a leis e regras), boulética (relativa aos desejos do falante), circunstancial / habilitativa (relativa a fatos locais e capacidades individuais) e teleológica (voltada para um alvo / objetivo).

Já a fonte de ordenação é responsável por compor diferentes mundos, de acordo com diferentes parâmetros, como: o desenvolvimento normal dos eventos, o desejo do falante, o alvo a ser atingido, etc.

Portner (2009) traz ainda o conceito de “performatividade” para os estudos de modalidade. Nos termos de Portner (2009), um modal performativo é aquele que, “em virtude do seu significado convencional, ele faz com que a enunciação de uma sentença declarativa execute um ato de fala além (ou no lugar) do ato de enunciar que é normalmente associado a uma sentença declarativa<sup>2</sup>. Por exemplo, Ninan (2005) explica que a sentença declarativa com o modal *must*, *You must leave*,

---

<sup>1</sup> Também chamada de base modal circunstancial ou não-epistêmica.

<sup>2</sup> Traduzido do original: “I refer to a modal as performative if, by virtue of its conventional meaning, it causes the utterance of a declarative sentence to perform a speech act in addition to, or instead of, the act of assertion which is normally associated with declarative clauses.” (PORTNER, 2009, p.137).

executa também um ato ilocutório diretivo, similar ao imperativo *Leave!*. Ou seja, o verbo modal “performa” um ato de fala diretivo, na concepção de Portner (2009) e de Ninan (2005).

Já para Nuyts (2001), a performatividade é um uso dos modais, especialmente os deônticos, em que o falante se compromete que o destinatário está realmente sob a obrigação de fazer algo. É o caso do verbo *must* na sentença *You must pray every day*, proferida por um religioso, em que *must* indica um comprometimento do falante de que aquilo é realmente necessário, seja por uma razão externa, uma vontade divina, ou por qualquer outro motivo. Portner (*op. cit.*), contudo, argumenta que a sua definição também se aplica a esse exemplo, já que sentenças imperativas, como *Pray every day!*, podem representar uma incitação, um estímulo, em vez da imposição de uma obrigação.

Na próxima subseção, irei mostrar como a modalidade é representada nas chamadas “perífrases modais”. Além disso, veremos quais são as diferenças semânticas entre essas perífrases, de acordo com diferentes autores.

### **1.3 As perífrases modais do português**

Ao consultarem diversas gramáticas tradicionais e materiais didáticos de língua portuguesa, Santos (2008) e Oliveira (2018) se depararam com a imprecisão na definição de “perífrase verbal” de muitos autores, como Abaurre (2003), Bechara (1977, 2004), Cunha & Cintra (2013) e Cegalla (1992, 2005, 2008). De acordo com as duas linguistas, os manuais não falam sobre a diferença entre “locução verbal” e “perífrase verbal”, adotando, quase sempre, somente o primeiro termo. Nessas gramáticas e livros didáticos, tanto a “perífrase” quanto a “locução verbal” podem ser entendidas como estruturas “constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio, infinitivo ou particípio do verbo principal” (CEGALLA, 2005 p. 200), sendo o verbo auxiliar aquele que se junta a uma forma nominal de outro verbo “para constituir a locução verbal, a passiva e os tempos compostos” (CEGALLA, 2005, p. 196).

Contudo, ao consultarem Mattoso Câmara (1979), Santos (2008) e Oliveira (2018) encontraram uma definição mais precisa, que leva em conta a diferença entre “locução” e “perífrase”. De acordo com Mattoso Câmara (1979), a diferença entre os dois tipos de estrutura se encontra justamente no auxiliar: na locução, o auxiliar

aparece com a significação mais esvaziada, tornando-se “um mero índice da categoria que se destina a exprimir” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 164), ao passo que a perífrase é entendida pelo autor como uma “composição morfológica na base de uma locução, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 167).

Assim, o que nos explica Santos (2008) é que parece haver entre os termos “um gradativo e crescente processo de gramaticalização” (SANTOS, 2008, p. 25). Nessa perspectiva, a “locução verbal” seria aquela em que o verbo auxiliar estaria mais gramaticalizado, enquanto a “perífrase” seria aquela em que “o auxiliar ainda manteria traços do significado do seu uso como pleno” (SANTOS, 2008, p. 25).

Tendo em vista a definição de “perífrase verbal” de Santos (*op. cit.*), percebe-se que, no português contemporâneo, além dos verbos modais “poder” e “dever”, temos as perífrases modais “ter de” e “ter que”. Em fases anteriores do português, tínhamos também a perífrase “haver de”, que foi caindo em desuso e perdendo espaço para as perífrases com “ter”.

Dessa forma, muitos linguistas e gramáticos têm estudado o funcionamento das perífrases verbais modais e as diferenças entre elas. Said Ali (1966), olhando para as diferenças entre “ter” e “haver”, afirma que “ter de” tem sobre “haver de” “a vantagem de exprimir com mais precisão a necessidade imperiosa, o ato a praticar independente da vontade” (SAID ALI, 1966, p. 142).

Barros (2012), por sua vez, faz uma diferenciação entre as perífrases com “ter” na língua portuguesa. De acordo com a linguista, os falantes do português contemporâneo possuem preferências com relação aos usos de “ter de” e “ter que”. Enquanto “ter de” é utilizada preferencialmente em construções de base modal epistêmica, em que há maior envolvimento do falante com a proposição, “ter que” é utilizada preferencialmente em construções de base modal raiz do tipo extrínseca<sup>3</sup>, em que há menor envolvimento do falante.

Em meio a toda essa discussão semântica acerca dos usos das perífrases modais na língua portuguesa, há também uma discussão sobre o surgimento dessas perífrases e sobre como os verbos “ter” e “haver” se gramaticalizaram até se tornarem auxiliares modais. E é disso que tratará a próxima subseção.

---

<sup>3</sup> O termo “extrínseco” adotado pela autora se refere ao domínio da base modal raiz em que o sujeito “atribui a fatores externos, de caráter não-facultativo, a imposição para a realização ou não do verbo predicador” (RIGONI COSTA, 1995, p. 111-112 *apud* BARROS, 2012, p. 101-102). Esse domínio difere do deôntico, que está relacionado a moral e a convenções sociais (BARROS, 2012).

#### 1.4. A gramaticalização de *ter* e *haver* em auxiliares modais

A origem das perífrases modais na língua portuguesa é um tema que vem sendo debatido há bastante tempo. Said Ali (1966, p. 142) afirma que “ter de” provavelmente surgiu no português através de uma “influência dupla” de duas outras construções de caráter modal:

[...] Quanto à sua origem, poderia parecer que viesse do costume de omitir um nome que a inteligência sem custo completaria, v. g. (*obrigação*) *tenho de ir*. Explicação muito simples, porém sem fatos que a confirmem. Mais provável é que a linguagem fosse determinada por uma influência dupla: *tenho que dizer* (= tenho coisa que deva dizer) e *hei de dizer*.

Há, todavia, inúmeras hipóteses para o surgimento de “ter de”, assim como das outras duas perífrases: “haver de” e “ter que”, e essas hipóteses estão, geralmente, ligadas ao processo de gramaticalização dos verbos “ter” e “haver”.

De acordo com Barros (2012), a gramaticalização é entendida como “o processo de mudança linguística em que itens ou construções menos gramaticais passam, em determinados contextos, a desempenhar funções mais gramaticais” (BARROS, 2012, p. 29). De acordo com a autora, esses itens e construções, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais.

Coelho (2006) traz um conceito de gramaticalização semelhante ao de Barros (2012). Baseando-se em Vitral (1996) e Roberts (2001), ela afirma que gramaticalização é o “processo de tramitação de categoria lexical em categoria funcional” (COELHO, 2006, p. 37).

Citando Heine (2003) e Hopper & Traugott (2003), Barros (2012) explica que o processo de gramaticalização se dá através de uma trajetória *léxico > gramática*, ou [+concreto] > [+abstrato]:

[...] Seguindo Heine (2003), podemos dizer que uma das estratégias de que o falante dispõe para a criação de novas formas gramaticais é a utilização de formas linguísticas de sentido concreto, facilmente acessíveis, e/ou claramente delimitáveis, para expressar significados menos concretos, menos acessíveis e menos delineáveis. Assim, a gramaticalização é um processo pelo qual expressões de significado concreto (formas-fontes) são usadas em contextos específicos para a expressão de significados gramaticais (formas-alvos). Daí decorre uma das principais premissas associadas aos processos de gramaticalização: a *unidirecionalidade* da trajetória: léxico > gramática, ou seja, [+concreto > +abstrato] (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003), entendida como um processo irreversível, que só pode desenvolver-se da esquerda

para a direita, ou seja, assume-se, basicamente, que um estágio A pode propiciar um estágio B, e não o contrário.

(BARROS, 2012, p. 30).

Trazendo o fenômeno da gramaticalização para o âmbito dos verbos modais, Barros (*op. cit.*) realiza um importante estudo sobre o processo de gramaticalização de “ter” até chegar às perífrases “ter de” e “ter que”. A autora explica que, considerando a proposta de gramaticalização em que um termo [+concreto] se torna [+abstrato], a trajetória do verbo “ter” na língua portuguesa seria a seguinte: verbo pleno > auxiliar aspectual > auxiliar de tempo > auxiliar de modalidade<sup>4</sup>. Essa trajetória pode ser representada pelos exemplos com o verbo “ter”: *Eu tenho (posuo) algo* > *Eu tenho saído* > *Eu tinha saído* > *Eu tenho de/que sair*. Assim, o uso de “ter” como auxiliar modal estaria no final do processo, sendo um dos usos mais abstratos.

Dando continuidade ao processo de gramaticalização, o uso modal do verbo “ter” passaria por mudanças semânticas, seguindo a trajetória: [-subjetivo] > [+subjetivo] > [intersubjetivo] (BARROS, 2012). Ou ainda: [+forte] > [-forte], em relação à força modal. Dessa forma, os modais do tipo raiz estariam no início do processo de gramaticalização de um item modal, enquanto os modais do tipo epistêmico estariam no final do processo, correspondendo aos usos mais gramaticalizados e, portanto, mais abstratos e subjetivos.

Com relação a como se dá esse processo de mudança semântica das construções modais, Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) explicam que existem duas formas de mudança: através da *convencionalização de implicatura* e através da *extensão metafórica*<sup>5</sup>. A convencionalização de implicatura trata-se do processo em que inferências feitas a partir de um modal específico passam a fazer parte do significado desse modal. Consiste em um desenvolvimento gradual e progressivo, em que há vários estágios de sobreposição dos significados antigo e novo. A extensão metafórica, por sua vez, trata-se de um processo abrupto e sem progressões, que geralmente ocorre no domínio lexical.

---

<sup>4</sup> Barros (2012, p. 66).

<sup>5</sup> Termos traduzidos dos originais: “*conventionalization of implicature*” e “*metaphorical extension*” (BYBEE, PERKINS & PAGLIUCA, 1994, p. 196-197)



Com relação ao verbo “haver”, o seu processo de gramaticalização se deu de forma bem semelhante ao do verbo “ter”, já que ambos eram verbos de posse que se tornaram auxiliares modais. De acordo com Heine (1993) e Heine & Kuteva (2002), em diversas línguas, inclusive línguas não românicas, ocorre o fenômeno de reanálise de verbos de posse em verbos que exprimem um sentido de obrigação/necessidade. Bjorkman & Cowper (2016) explicam que isso se dá porque tanto a posse quanto a modalidade estabelecem uma relação de inclusão, também chamada de relação parte-todo. Nessa relação, a necessidade faz com que um mundo qualquer faça parte de um todo, que é o conjunto do mundo real<sup>6</sup>, da mesma forma que a posse faz com que um elemento qualquer faça parte de um todo, que é o conjunto do possuidor. Assim, de acordo com Bjorkman & Cowper (2016), essa relação parte-todo é transposta dos indivíduos para os mundos, para o campo das possibilidades e necessidades.

Contudo, o verbo “haver”, por ter iniciado o seu processo de gramaticalização muito antes de “ter”, atingiu um estágio nesse processo que não foi atingido pelo outro verbo. Enquanto “ter” foi até o seu uso como auxiliar modal epistêmico, o verbo “haver” foi muito além, tornando-se um auxiliar de tempo futuro e, posteriormente, um afixo temporal.

De acordo com Viotti (1998), o verbo “haver”, em sua entrada na língua portuguesa, já formava perífrases aspecto-temporais, aparecendo desprovido de conteúdo semântico, e já ocorria em construções existenciais, em que o sujeito era detematizado. O verbo “ter”, por sua vez, aparecia como auxiliar em algumas construções, mas carregando ainda o seu significado de posse. Dessa forma, percebe-se que o verbo “haver”, já nos primórdios da língua portuguesa, estava bem avançado em seu processo de gramaticalização quando comparado ao verbo “ter”.

Dos Prazeres Costa (2006) explica que é comum em diversas línguas a transformação de verbos de movimento e de verbos modais deônticos em auxiliares de tempo futuro. De acordo com a autora, o processo de gramaticalização de modais deônticos em auxiliares de futuro é o mesmo processo de gramaticalização de modais deônticos em modais epistêmicos, já que, conforme proposto Bybee et al. (1991) e explicado por Longo (1998), “o futuro tem valor epistêmico, pois o falante prevê que o estado de coisas da proposição será verdadeiro em algum tempo”

---

<sup>6</sup> Entende-se por “mundo” a concepção Kratzer acerca dos “mundos possíveis”, que podem ou não fazer parte do “mundo real”, criando as relações semânticas de possibilidade e necessidade.

(LONGO, 1998, p. 17). Assim, Dos Prazeres Costa (2006), citando Bybee & Pagliuca (1985 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993), explica que “significados relacionados à obrigação (como é o caso de *haver de* e *dever*) ganham valores epistêmicos de probabilidade e possibilidade através de uma metáfora segundo a qual a noção de ‘X é obrigado a Y’ se desenvolve em ‘a proposição X é obrigada a ser verdadeira’” (DOS PRAZERES COSTA, 2006, p. 96-97).

Sobre a transformação do auxiliar “haver” em um afixo temporal, Poggio (2004) explica que, desde o latim, há um processo cíclico de gramaticalização e obsolescência de formas que indicam tempo futuro. Assim, ela explica que a forma sintética do futuro no latim foi substituída por uma perífrase com o verbo “habere”, que depois deu origem ao futuro sintético da língua portuguesa: *amare habeo* > *amar hei* > *amarei*. Essa nova forma sintética, por sua vez, está perdendo espaço no português contemporâneo para uma nova perífrase verbal, formada pelo verbo “ir”: *vou amar*. A tendência é que a forma sintética do tempo futuro no português, originada pela perífrase com o verbo “haver”, caia em desuso, sendo substituída pela perífrase com o verbo “ir”. Isso fará o processo de gramaticalização ser reiniciado, pois, conforme explica a autora: “um morfema pode desaparecer, havendo a possibilidade de reiniciar-se o processo, quando para tal os falantes de uma língua empregam uma expressão perifrástica para representar o conceito da forma que caiu em desuso” (POGGIO *apud* COSTA & MACHADO FILHO, 2004, p. 179).

Dessa forma, o verbo “haver”, que no período arcaico se encontrava bem mais gramaticalizado que o verbo “ter”, está atualmente caindo em desuso. O que se percebe é que, da mesma forma que ele está perdendo espaço para o verbo “ir” na representação do futuro, ele também está perdendo espaço para o verbo “ter” na representação da modalidade. Essa substituição de “haver” por “ter”, contudo, não é recente e tem ocorrido desde o português arcaico na expressão dos diferentes tipos de posse.

Barros (2012) explica que o processo de gramaticalização do verbo “ter” foi antecedido por um processo de generalização na sua expressão de posse, que, segundo ela, fez com que “ter” invadisse contextos de uso antes reservados ao verbo “haver” e se tornasse cada vez mais produtivo na língua. Coelho (2006), analisando o processo de generalização da expressão de posse de “ter” sob a perspectiva da *expansão lexical*, afirma que “ao contrário do que prevê a literatura,

registrou-se uma expansão dos contextos de uso do verbo, à medida que seu processo de gramaticalização foi-se expandindo” (COELHO, 2006, p. 197).

Levando isso em consideração, o presente trabalho busca contribuir com a análise do processo de gramaticalização dos verbos “ter” e “haver”, estabelecendo uma relação entre a mudança lexical dos verbos e o seu processo de gramaticalização em construções modais.

A próxima seção vai tratar da metodologia adotada neste trabalho e apresentar os documentos que compõem o *corpus* da pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA DE PESQUISA

#### 2.1 Fontes de dados e procedimentos de seleção do *corpus*

Com o objetivo de determinar as diferenças entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no português arcaico e identificar as possíveis origens das perífrases modais com “ter”, foi feita uma análise dos usos desses verbos em seis séculos diferentes, indo do período arcaico da língua portuguesa ao período moderno<sup>7</sup>.

O método de análise escolhido foi um método misto: tanto a análise quantitativa quanto a análise qualitativa foram relevantes para o estudo do processo de gramaticalização desses verbos e para a compreensão do surgimento de “ter” em construções modais.

Como a nossa análise teve início no século XIII, não foi possível determinar as prováveis origens das perífrases modais com “haver”, já que, nesse período, o verbo já se encontrava em um estágio mais avançado de gramaticalização. Assim, este trabalho se limitou a determinar as prováveis origens das perífrases modais com “ter” e a identificar as diferenças entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no período arcaico, buscando entender por que o primeiro verbo suplantou o segundo no uso como auxiliar modal e em outros usos.

Para analisar o emprego dos dois verbos no período arcaico, foram coletados dados dos séculos XIII, XIV e XV. A seguir, estão listados os textos dos quais foram coletados os dados, com o número de páginas analisadas de cada um deles:

- **Século XIII:** *Excertos de Legislação Antiga* (8 páginas); *Testamento de D. Afonso II* (4 páginas); *Notícia de Torto* (3 páginas); *Lei de 1211 de Afonso II* (1 página); *Inquirições de D. Afonso III [1258] – Prólogo* (1 página); *Chancelaria D. Afonso III - K(arta) d(omi)ni Reg(is) missa* (1 página);

---

<sup>7</sup> De acordo com Said Ali (1931), a história do português pode ser dividida em dois principais períodos: o do português antigo, que vai do século XII até o final do século XV e início do século XVI; e o do português moderno, que vai dessa época em diante.

*Textos Notariais in História do Galego-Português* (6 páginas); *Documentos Notariais – Douro Litoral* (2 páginas); *Foros de Garvão – 1280* (2 páginas).

- **Século XIV:** *Trovadorismo Português: poemas de João de Gaia, Pedro conde de Barcelos e Afonso Sanches* (3 páginas); *Crónica Geral de Espanha de 1344* (19 páginas); *Alphonse X, Primeyra Partida - Título 1* (5 páginas).
- **Século XV:** *A Demanda do Santo Graal* (15 páginas e ½); *Crónicas de D. Pedro e D. Fernando* (14 páginas e ½).

Por questões metodológicas, decidi ler os textos na íntegra em vez de somente retirar os dados dos quais eu precisava, a fim de compreender o contexto em torno das construções sintáticas. Também para fins metodológicos, li e analisei um número aproximado de páginas de texto para cada século, de modo que cada século tivesse entre 25 e 30 páginas de texto analisadas.

O gênero textual dos textos, por sua vez, não foi delimitado, havendo textos dos mais diversos gêneros na pesquisa: cartas, romances, poemas, textos teatrais, entre outros. Entretanto, os gêneros dos textos são levados em consideração na análise quando entende-se que eles interferem nos números obtidos na quantificação de dados.

Para analisar o emprego dos verbos “ter” e “haver” no período moderno, por conseguinte, utilizei o mesmo método do período arcaico. Foram coletados dados dos séculos XVI, XVII e XVIII, e os textos analisados foram os seguintes:

- **Século XVI:** *El Rei Seleuco* (12 páginas); *Farsa de Inês Pereira* (11 páginas); *Auto da Alma* (6 páginas).
- **Século XVII:** *Cartas do Padre Antônio Vieira* (9 páginas); *O fidalgo aprendiz* (9 páginas); *Carta de Guia de Casados* (5 páginas); *Auto e Colóquio do Nascimento do Menino Jesus* (7 páginas).

- **Século XVIII:** *Lances da Ventura* (16 páginas); *Nova Floresta* (5 páginas); *Viola de Lereno* (9 páginas).

Percebe-se que, no período moderno, já se encontram autos e farsas. Isso é bastante interessante para a pesquisa, já que esse tipo de texto, o teatral, pode se aproximar bastante da oralidade, apresentando construções que não são encontradas em outros gêneros textuais.

Por fim, os dados coletados foram divididos em quatro categorias, que dizem respeito aos diferentes usos dos verbos “ter” e “haver”: verbo lexical, auxiliar de particípio, auxiliar modal raiz e auxiliar modal epistêmico. A categoria *verbo lexical*, como o próprio nome já diz, representa os usos do verbo como pleno, e não como auxiliar. As outras três categorias representam o verbo em estágios mais avançados de gramaticalização, em que ele pode funcionar como *auxiliar temporal*, combinado ao particípio, ou como *auxiliar modal*, combinado ao infinitivo. O verbo “haver” tem ainda outras duas categorias: *auxiliar de tempo futuro* (futuro do presente e futuro do pretérito), em que o auxiliar se combina ao infinitivo, e *afixo temporal*, em que o verbo já está no final do seu processo de gramaticalização, deixando de ser uma palavra independente e tornando-se um morfema que compõe o futuro sintético.

## 2.2 Os dados colhidos

### 2.2.1 Os usos do verbo *ter* no português arcaico e no português moderno

Depois de descrita a metodologia de pesquisa e de apresentados os textos e os procedimentos de seleção do *corpus*, passaremos agora à apresentação dos nossos dados. A Tabela 1, a seguir, mostra a quantificação de dados de “ter” no português arcaico (séculos XIII, XIV e XV):

**Tabela 1:** Usos do verbo “ter” no período arcaico

	Verbo lexical	Auxiliar temporal (particípio)	Auxiliar modal (raiz)	Auxiliar modal (epistêmico)
Século XIII	23	-	5	-
Século XIV	25	-	5	-
Século XV	28	3	3	-

**Fonte:** Autora do trabalho

Como se pode notar pela Tabela 1, nos textos dos séculos XIII e XIV analisados, só foram encontrados usos do verbo “ter” como verbo lexical e auxiliar modal raiz. O uso do verbo “ter” como auxiliar de particípio (ou auxiliar temporal) só foi encontrado a partir do século XV. O uso epistêmico do auxiliar modal, por sua vez, não foi visto em nenhum texto do período arcaico analisado nesta pesquisa.

Um fato curioso a ser observado é o de que os usos do verbo “ter” como auxiliar modal de raiz sofrem uma leve redução no século XV, o que não era esperado, já que o verbo foi se tornando mais usado ao longo do tempo, tanto como auxiliar modal quanto como temporal. Entretanto, essa redução pode ser explicada pelos gêneros textuais dos textos desse século. Quando olhamos para os séculos XIII e XIV, encontramos diversos registros de leis, que são um gênero textual essencialmente prescritivo. Já ao olhar para o século XV, encontramos na seleção de textos somente um romance de cavalaria e algumas crônicas. O caráter prescritivo das leis, assim como dos testamentos (bastante presentes no século XIII), leva a uma maior ocorrência de construções modais, o que não ocorre nos gêneros essencialmente narrativos, como o romance e a crônica. Assim, explica-se a menor ocorrência de construções modais nos dados do século XV.

Todavia, para melhor compreender os usos de “ter” nesse período, é necessário recorrer a alguns exemplos. A seguir, se encontram os exemplos dos usos do verbo “ter” nos séculos XIII e XIV:

## 1. Exemplos do século XIII

### 1.1 Verbo lexical

- a) “e mãdou-lhe que todas estas cousas que el quiso **teer** pera si en sinal de rreconnoscimento de sennorio [...]” – *Excertos de Legislação Antiga*, p. 3;
- b) “& p(er) sas bonas has q(ue) ora ha & ha por auer q(ue) faza **te’e’nr** & (con)p(r)ir estas cousas desuso ditas a todo tempo.” - *Textos Notariais in História do Galego-Português*, p. 3;
- c) “porque **ten** que deuiã dezemar de todo” – *Excertos de Legislação Antiga*, p. 4;
- d) “Toda moller q(ue) disser a home~ o nome~ o’ ((L013)) nome deuedado. e a ele no~ deostar; deli ((L014)) cu~ q(ua)l arma **teuer** una uez aa sa ue~tura.” – *Foros de Garvão*, p. 2.

## 1.2 Verbo auxiliar modal de raiz - “ter” na forma de particípio, indicando obrigação

- a) “Porque sumos **teodos** d’amar e d’onrrar a sancta eygreya subre todallas cousas do mundo” – *Excertos de Legislação Antiga*, p. 6;
- b) “q(ue) uos segades **teudu** pulas fazerd(e)s pagar” – *Documentos Notariais – Douro Litoral*, p. 2;
- c) “sumos **teodos** a uos dom Diego d(e) uos amar & d(e) uos s(er)uir” – *Textos Notariais in História do Galego-Português*, p. 3;
- d) “Assy como nós sumos **teodos** de dar gualardõ dos bões deste mundo aos que nos y seruẽ” – *Excertos de Legislação Antiga*, p. 6.

## 2. Exemplos do século XIV

### 2.1 Verbo lexical

- a) “E outras gentes veheron en Espanha que chamaron Vandalos e estes pobrarõ a Andaluzia, a qual **tem** en ancho des o ryo que chaman Guadiana atar mar Mediterraneo.” – *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p.8;
- b) “**teverom** que minguariã muyto en seus boos feitos e bondade” – *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 2;
- c) “e pos ãcima della hũa ymagem de cobre muy bem feita que catava contra ouriente e tiinha na mão deestra hũa grande chave, [...] e a mão seestra **tiinha** alçada e tenduda contra ouriente e **tiinha** scripto na palma: ‘Estes som os majões de Hercolles’ ” – *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p.11.

### 2.2 Verbo auxiliar modal de raiz - “ter” na forma de particípio, indicando obrigação

- a) “E en q(ue) maneira lhys am a obedeeçer e julgarsse p(er) ellas. E en como som **teodos** de as aguardar.” – *Alphonse X, Primeyra Partida*, p. 1;
- b) “E o q(ue) a ley faz he **teudo** de a faz(er) conp(ri)r e ag(ua)rdar.” - *Alphonse X, Primeyra Partida*, p. 4.

A primeira observação a ser feita com relação a esses exemplos é acerca dos diferentes sentidos lexicais de “ter”. De acordo com Coelho (2006), no período arcaico, esse verbo tinha como um dos seus sentidos abstratos o sentido de “manter”. Nos exemplos tirados dos textos, nota-se que esse sentido é bastante recorrente. Temos: “q(ue) faza **te´e´nr** & (con)p(r)ir estas cousas” (exemplo 1.1.b),



que equivale a “que faça **manter** e cumprir estas coisas”, e “a mão seestra **tiinha** alçada e tenduda contra oriente” (exemplo 2.1.c), que equivale a “a mão esquerda **mantinha** erguida e estendida contra o oriente”. Também encontramos o sentido de “dispor de” na sentença “deli cu~ q(ua)l arma **teuer** una uez aa sa ue~tura” (exemplo 1.1.d), que equivale a “dê-lhe com a arma que **tiver à disposição** uma vez à sua sorte”. Além disso, um outro sentido bastante comum era o sentido de “ter para si”, ou seja, o sentido de “considerar”, “julgar”, também apontado por Coelho em seu estudo sobre os usos lexicais do verbo e que aparece no exemplo 1.1.c e no exemplo 2.1.b.

Quanto ao uso do verbo “ter” como auxiliar modal raiz, podemos destacar uma particularidade dos séculos XIII e XIV: o verbo não aparece na sua forma flexionada, mas na forma de particípio, acompanhando o verbo “ser”, em construções do tipo: *ser*<sub>flexionado</sub> + *teudo* + *de* + *V*<sub>infinitivo</sub>.

O século XV, como foi constatado na análise das tabelas, apresenta alguns usos do verbo que não foram encontrados nos séculos anteriores. Os exemplos a seguir mostram um pouco dessas diferenças:

### 3. Exemplos do século XV

#### 3.1 Verbo lexical

- a) “e preguntou aos de seu conselho se por êle falar primeiro a el-rei de Portugal por aí perdia sua honra, se a **tinha**” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 125;
- b) “Demais, nom **tinha** escudo | nem lança” – *A Demanda do Santo Graal*, p. 4;
- c) “porque **tiinha** que eram ambos boões cavaleiros” – *A Demanda do Santo Graal*, p. 5.

#### 3.2 Verbo auxiliar temporal

- a) “Depois que êsto **teveram** feito, a ledice || foi tam grande antre êles, que era maravilha” – *A Demanda do Santo Graal*, p. 15;
- b) “E logo, tostemente, vieram a El-rei, e não ousaram de entrar na câmara, por a defesa que El-rei **tinha** posta” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 26.

### 3.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “mas que lhes dissessem que se fossem para as pousadas, pois êle **tinha de fazer** uma cousa em que não queria que fossem presentes” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 25;
- b) “Eu o busco, disse ela, porque me é **teúdo** de me dar uñ dom quando lho eu pidir” – *A Demanda do Santo Graal*, p. 9.

Como se pode notar, é somente no século XV é que encontramos uma aparição do verbo “ter” como auxiliar modal de raiz flexionado (e não a forma “teudo” na expressão “ser teudo de”). O auxiliar temporal “ter”, que se combina com uma forma de particípio, por sua vez, também aparece somente no século XV, com usos em que o auxiliar já está totalmente gramaticalizado, como no exemplo 3.2.a, mas também com usos em que a gramaticalização do auxiliar não está completa, que é quando o particípio ainda realiza concordância, como em 3.2.b, ou quando a ordem *auxiliar + particípio* na oração não é fixa (COELHO, 2006).

Além desses dados, temos também os dados do português moderno, que se encontram na Tabela abaixo:

**Tabela 2:** Usos do verbo “ter” no período moderno

	Verbo Lexical	Auxiliar temporal (particípio)	Auxiliar modal (raiz)	Auxiliar modal (epistêmico)
Século XVI	55	3	1	-
Século XVII	28	15	2	-
Século XVIII	21	16	4	2

**Fonte:** Autora do trabalho

Como se pode observar na Tabela 2, com relação ao período anterior, o século XVI é marcado por um aumento nos usos lexicais de “ter” (passando de 28 para 55 ocorrências) e por uma redução nos usos modais do tipo raiz (passando de 3 para 1 ocorrência).

Esse aumento do emprego dos usos lexicais de “ter” pode ser justificado pela expansão lexical que vem sofrendo o verbo desde o período arcaico e que ocasionou na sua maior produtividade na língua. A redução dos usos modais, todavia, não apresenta nenhuma justificativa no contexto de gramaticalização que estamos analisando, pelo menos não em princípio. Também não é possível

identificar uma influência dos gêneros textuais. O gênero textual dos documentos do século XVI é o texto teatral, enquanto os gêneros do século XV são o romance e a crônica. Todos esses gêneros possuem o mesmo caráter narrativo, o que não justifica uma queda na ocorrência de construções modais. Contudo, como essa queda não é muito brusca (uma diferença de apenas 2 ocorrências), consideramos que o seu emprego se manteve razoavelmente estável.

Nos séculos XVII e XVIII, ao contrário do século XVI, há um aumento (ainda que pequeno) da ocorrência de construções modais do tipo raiz. E, somente no século XVIII, são encontradas construções modais do tipo epistêmico. Nesses dois séculos, também houve um aumento no emprego de “ter” como auxiliar temporal, o que demonstra que esse uso se tornou mais produtivo na língua.

Além disso, os séculos XVII e XVIII apresentaram uma redução no uso de “ter” como verbo lexical. Essa redução, porém, não faz com que o número de ocorrências seja menor que no período arcaico, de modo que o século XVI é o único que apresenta um aumento relevante no número de ocorrências.

Para compreender melhor os dados da tabela, é necessário, contudo, recorrer aos exemplos. A seguir, estão os exemplos dos usos de “ter” no século XVI:

#### 4. Exemplos do século XVI

##### 4.1 Verbo lexical

- a) “Hum homem velho, cansado, / Não **têe** força, nem vigor, / Para em si sentir amor” – *El-Rei Seleuco*, p. 9;
- b) “Pois não se póde dizer / Que não **têe** ja que esperar, / Nem com que satisfazer?” – *El-Rei Seleuco*, p. 13;
- c) “Pois que o somno quieto e manso, / Que os outros **têe** por descanso, / Me vem a mi por trabalho.” – *El-Rei Seleuco*, p. 19.

##### 4.2 Verbo auxiliar temporal

- a) “**Têe**-no os Physieos curado?” – *El-Rei Seleuco*, p. 14.
- b) “Senhora, captivo **tendes** / Este meu coração Mendes.” – *El-Rei Seleuco*, p. 15.

### 4.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Ó Alma, sede esforçada! / Outra passada, / que não **tendes de andar** tanto / a ser esposa.” – *Auto da Alma*, p. 11.

Os usos lexicais de “ter”, como se pode observar, incluem o verbo “ter” com o sentido de “considerar”, “julgar” (exemplo 4.1.c). Também podemos destacar, no exemplo 4.1.b, o fato de “ter” estar combinado com o “que” em uma construção que não é uma perífrase modal, mas uma construção com o sentido de “ter o que”, que equivale a “que não tem já o que esperar”.

Os usos de “ter” como auxiliar temporal, por sua vez, incluem construções totalmente gramaticalizadas, com respeito à ordem verbo auxiliar + verbo no particípio, e construções com gramaticalização incompleta, em que essa ordem não é respeitada.

Por fim, o uso de “ter” como auxiliar modal raiz já se encontra gramaticalizado em construções do tipo *ter*<sub>flexionado</sub> + *de* + *V*<sub>infinitivo</sub>. Porém, a construção “ser teudo de”, muito produtiva no português arcaico, não foi encontrada nenhuma vez no século XVI, o que pode indicar que ela caiu em desuso já nessa época.

A ausência de construções do tipo *ser*<sub>flexionado</sub> + *teudo* + *de* + *V*<sub>infinitivo</sub> pode ser a razão para o menor número de ocorrências de construções modais com “ter” nesse século, já que essa estrutura representou a maior parte dos usos modais de “ter” no período arcaico.

Seguindo adiante, temos os séculos XVII e XVIII, que já apresentam algumas diferenças com relação ao século XVI. A seguir, estão os exemplos dos usos de “ter” nesses dois séculos:

## 5. Exemplos do século XVII

### 5.1 Verbo lexical

- a) “Se chamara o confessor, **tinha** geito de não vir!” – *O Fidalgo Aprendiz*, p. 228;
- b) “Que **tenhais** mais cortesia.” – *O Fidalgo Aprendiz*, p. 228.

### 5.2 Verbo auxiliar temporal

- a) “N'este mesmo navio **tenho** escripto a sua magestade, e a v. m. largamente da corte de Londres” – *Cartas do Padre Antônio Vieira*, p. 9.

### 5.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Que **temos que** perguntar?” – *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, p. 6;
- b) “Em achando o que buscamos / nom **temos** mais **que** buscar.” – *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, p. 6.

## 6. Exemplos do século XVIII

### 6.1 Verbo lexical

- a) “e Muley **teve** a felicidade de escapar sem ser conhecido pela porta do Jardim” – *Lances da Ventura - Tomo II*, p. 138;
- b) “Ensinavão no templo, e nas synagogas, onde para esse effeito **tinhão** tres distinctas ordens de assentos” – *Nova Floresta*, p. 19.

### 6.2 Verbo auxiliar temporal

- a) “Muley suspirava por este venturoso instante, e tanto que vio as letras de Fatima, parecia **ter** recebido huma nova alma” – *Lances da Ventura - Tomo II*, p. 134.

### 6.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Esta noite me espera Fatima no Jardim no sitio, que aqui me adverte; **tem de** comunicar-me cousa de suposição” – *Lances da Ventura - Tomo II*, p. 137;
- b) “Em quanto a vós nada me parece **tenho que** temer, depois de ter ouvido o vosso juramento” – *Lances da Ventura - Tomo V*, p. 37;
- c) “Perder a vida he perder-te; / Não **tenho que** me apressar; / Como te perco morrendo, / Vou morrendo de vagar” – *Viola de Lereno*, p. 19;
- d) “A fraqueza d'algum Chefe / Aos Soldados faz temor; / Eu não **tenho que** temer-me, / Sirvo a hum Nume vencedor” – *Viola de Lereno*, p. 43.

### 6.4 Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “Mas leva a minh'alma, / Não ma restituas, / Pois qu'inda a possuas / Assim nos convém; / Não só porque o gosto / **Tem de acompanhar-te**, / Mas para ensinar-te / A amares mais bem” – *Viola de Lereno*, p. 179;

- b) “Os seus felizes / Preciosos dias, / Mil alegrias / **Tem de nos dar**” – *Viola de Lereño*, p. 106.

Com relação aos usos lexicais de “ter”, podemos encontrar, nos séculos XVII e XVIII, os sentidos de posse e existência, mas não o sentido de “considerar”, “julgar”, muito comum nos séculos anteriores. Já com relação aos usos modais do verbo, podemos observar que surgem, pela primeira vez nos nossos dados, construções do tipo *ter*<sub>flexionado</sub> + *que* + *V*<sub>infinitivo</sub>, observadas no século XVII (exemplo 5.3.a) e no século XVIII (exemplos 6.3.b, 6.3.c e 6.3.d).

Os usos do verbo como modal epistêmico, por sua vez, surgem somente no século XVIII e em construções do tipo *ter*<sub>flexionado</sub> + *de* + *V*<sub>infinitivo</sub>, não havendo ainda nenhuma construção epistêmica com a perífrase “ter que”.

A próxima subseção irá trazer os usos do verbo “haver” no período arcaico e moderno, mostrando como se deu o processo de mudança desse verbo ao longo dos séculos.

### 2.2.2 Os usos do verbo *haver* no português arcaico e no português moderno

Após a apresentação dos usos de “ter” no português arcaico e moderno, iremos agora olhar para os usos de “haver”. A Tabela 3, a seguir, mostra a quantificação de dados de “haver” no português arcaico (séculos XIII, XIV e XV):

**Tabela 3:** Usos do verbo “haver” no período arcaico

	Verbo lexical	Auxiliar temporal (particípio)	Auxiliar modal (raiz)	Auxiliar modal (epistêmico)	Auxiliar temporal (futuro)	Afixo temporal (futuro)
Século XIII	98	1	7	-	4	14
Século XIV	137	38	9	2	12	69
Século XV	68	9	7	1	12	63

**Fonte:** Autora do trabalho

Pela Tabela 3, percebe-se que, no português arcaico, o verbo “haver” já estava bem avançado em seu processo de gramaticalização. Já no século XIII, foi encontrado um emprego do verbo como auxiliar de particípio e também sete casos em que ele indicava modalidade do tipo raiz. Porém, é no uso do verbo para indicar

tempo futuro que nós vemos o quanto ele já estava gramaticalizado, já que que ele aparece quatro vezes como auxiliar de futuro e quatorze vezes como afixo temporal.

No século XIV, percebe-se que o verbo estava no auge da sua produtividade, tendo aumentado consideravelmente o seu número de ocorrências em todos os contextos e aparecendo pela primeira vez como auxiliar modal epistêmico. Já no século XV, o verbo teve uma diminuição na sua produtividade, sendo, contudo, ainda bastante produtivo como auxiliar de futuro e afixo temporal.

Para entender melhor os dados da tabela, vamos aos exemplos dos usos do verbo “*haver*” no século XIII:

## 7. Exemplos do século XIII

### 7.1 Verbo lexical

- a) “E a dia de mia morte, se algũus de meus filios **ouuerẽ** reuora agiã seu auer” – *Testamento de D. Afonso II*;
- b) “E as outras duas partes de toda mia meiadade segiã departidas igualmente ontre meus filios e mias filias que **ouuer** da raina Dona Orraca, assi como suso é dito” – *Testamento de D. Afonso II*;
- c) “mais os ssenhores d’essas cousas **ajam**-nas todas em pax” – *Lei de 1211 de Afonso II*;
- d) “& eu q(ue) no~ **auia** hy **por ffazer** a uos nulla d(e)manda” - *Textos Notariais in História do Galego-Português*, p. 3;
- e) “Mando ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar **ouuer a reinar** se a mia morte ouuer reuora e meus uassalos e o abade d’Alcobaza, sen demorancia e sen contradita, lisdem toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas suso nomeadas” – *Testamento de D. Afonso II*.

### 7.2 Verbo auxiliar temporal com participio

- a) “ET estas cousas **sobreditas auem(os)** nos” – *Foros de Garvão – 1280*.

### 7.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Dos dezemos que **an a dar** os cristiãos a sancta Igreja” – *Excertos de Legislação Antiga*, p. 3;

- b) “E cuda á da fe **guardar** (e) a eygreya de Roma” - *Excertos de Legislação Antiga*, p. 5;
- c) “assi como uos sabedes de guysa q(ue) **ouuestes de tener** ou Alg(a)rue en uossos dias” - Chancelaria D. Afonso III - *K(arta) d(omi)ni Reg(is) missa*, p. 1.

#### 7.4 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “& p(er) sas bonas has q(ue) ora ha & **ha por auer** q(ue) faza te´e´nr & (con)p(r)ir estas cousas desuso ditas a todo tempo” - *Textos Notariais in História do Galego-Português*, p. 3;
- b) “e esto tornar-sse-**hia** ã grãde dano das eigreias” - *Excertos de Legislação Antiga*, p. 2.

#### 7.5 Afixo temporal

- a) “e áquel juyzo **uerremos** todos en corpos e en almas e **receberemos** ben os boos e galardõ de gloria de ben que fezermos por sempre cõ nostro Senhor Ihesu Cristo, e os maus **rẽceberã** pãa cõ nos maos dyaboos por sãpre unde nõqua **sayrã**.” - *Excertos de Legislação Antiga*, p. 5;
- b) “Porque **poderia** acaeçer que os moesteyros e as outras ordõis de nosso rreyno **poderiam** conprar tãtas possisões que sse **tornaria** ã grãde dano nosso e do rreyno” - *Excertos de Legislação Antiga*, p. 2.

A primeira observação a ser feita acerca dos usos do verbo no século XIII é com relação aos seus diferentes significados lexicais. No exemplo 7.1.a, temos um caso de posse intrínseca ao sujeito, representando a “posse” de uma característica: a idade/maioridade; nos exemplos 7.1.b e 7.1.c, temos o verbo exprimindo o sentido de “obter”; e, no exemplo 7.1.e, o sentido de “existir”. O exemplo 7.1.d, por sua vez, mostra uma situação em que o verbo “(h)aver” apresenta uma certa ambiguidade, assemelhando-se muito ao auxiliar de uma perífrase modal. Afinal, na sentença “auia hy por ffazer a uos nulla d(e)manda”, o verbo “aver” pode ser interpretado como auxiliar da perífrase “aver por fazer” quando, na verdade, ele é um verbo pleno: “avia nenhuma demanda por fazer”. Assim, entende-se que essa estrutura pode ser um vestígio do processo de gramaticalização do verbo em um auxiliar modal.



O uso do verbo como auxiliar de particípio, por sua vez, ainda apresenta traços do seu uso como pleno, com a concordância do particípio com o objeto e a inversão na ordem *auxiliar + particípio*, o que demonstra uma gramaticalização em estágio inicial. Já os usos do verbo como auxiliar modal raiz, auxiliar de tempo futuro e afixo temporal demonstram que ele já está altamente gramaticalizado nesses contextos, pois já perdeu seus traços sintáticos e semânticos de verbo pleno.

É importante destacar que, no uso do verbo como auxiliar de tempo futuro, é difícil determinar se ele corresponde a um auxiliar temporal ou a um auxiliar modal epistêmico, já que esses dois sentidos estão muito próximos, conforme explicado por Longo (1998).

Vejamos agora os exemplos dos usos do verbo no século XIV:

## 8. Exemplos do século XIV

### 8.1 Verbo lexical

- a) “e bem sabem os melhores ca nom **há** mais de seis meses” – *Come asno no mercado*, poema de João de Gaia;
- b) “por qual escodrinamento acharon as naturas das hervas e das pedras e das outras cousas en que **ha** virtudes segundo as naturezas.” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 2;
- c) “por o desacordo que **ouverõ** algũus dos Godos cõ seu senhor el rey Rodrigo e por traiçõ do conde Ilham e do arcebispo Epa” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 4.
- d) “E achasse outrossy em este livro ã como os do linhagem destes tres filhos de Noe, que **ouverõ** nome Sen, Cam, Jaffech” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 4;
- e) “mas os filhos de Jaffeth, o meor yrmãao, **ouverom** por sua parte Europa e começarõ a pobrar” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 5;
- f) “nõ se tenerõ por contentes do que **avyam** e trabalharõ por tyrar as terras hũus aos outros” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 5;
- g) “Gomer **ouve** dous filhos: a hũu diseron Assoneth e o outro ouve nome Trogorma” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 6;
- h) “e perseguyo as Aspias, filhas de Finees, que lhe **avyam** odyo e o queriam desherdar” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 10;

- i) “despois que Hercolles ouve feytas todas estas cousas que avedes ouvydo e outras muytas que nõ dissemos por nõ alongar, **ouve** dez naves e meteusse em ellas e entrou ão mar e passou de Affrica em Espanha.” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 10;
- j) “Quando Hercolles **ouve** este recado dos moradores da terra de que Gedeõ era senhor” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 13.

## 8.2 Verbo auxiliar temporal com participio

- a) “e quanto **servid'hei** perdi por en” - *Vedes, amigos, que de perdas hei*, poema de Afonso Sanches;
- b) “E ainda de Yvã, que ja **avemos dicto**, veherõ os Yliones que pobrarõ hũa parte de Grecia e Perssia” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 6;
- c) “despois que Hercolles ouve feytas todas estas cousas que **avedes ouvydo** e outras muytas que nõ dissemos por nõ alongar” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 10;
- d) “Todas estas terras que **ditas avemos** forõ pobradas como vos cõtamos” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 8;
- e) “E, depois que **ouveron pobradas** estas villas que dissemos, estenderonsse per todas as terras e pobraron toda Espanha.” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 7.

## 8.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “E, quãdo Hercolles esto ouvyo, pesoulhe muyto e preguntou que homem seeria aquelle que a **avya de poboar** e os astronomos disseronlhe que seeria homem muyto honrrado” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 11;
- b) “e devysoulhes todo o que **avyam de fazer** e que, sse hũu delles morresse, que logo fosse posto outro ã seu logar.” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 16;
- c) “Por que em aquelle logar nõ avya al poboado se nõ a torre que Hercolles hy fezera, **ouve de morar** en tendas ataa que fez hũa villa pequena em que morou.” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 18;

- d) “E en q(ue) maneira lhys **am a obedeeçer** e julgarsse p(er) ellas” - *Alphonse X, Primeyra Partida* – Título 1.

#### 8.4. Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “E, quando vyo a fortelleza e o assentamento do logar e vyo hy duas torres pequenas que fizeram os dous filhos de rey Rotas, êtendeu per arte de astronomya que em aquelle logar **avya de seer** pobrada hũa muy noble cidade.” – *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 15;
- b) “Por q(ue) ne~ hu~a cousa no~ pode seer e~e~ste mundo feyta q(ue) algu~u~ entendime~to no~ **aia d'auer**” - *Alphonse X, Primeyra Partida* – Título 1.

#### 8.5 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “ca el tem que todavia **há-de poiar** em contia” – *Come asno no mercado*, poema de João de Gaia;
- b) “queremos aquy falar mais largo por que tange aa estoria d'Espanha de que **avemos de contar** en este livro” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 5;
- c) “se o assi ñ quisessen fazer pera os que **avyam de viir** despois como pera sy meesmos e pera os outros que eram em seus tempos” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 2;
- d) “os sabedores de Grecia souberon per suas artes que **avya hy de nacer** hũu homem que averia nome Hercolles” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 9.

#### 8.6 Afixo temporal

- a) “pero se hoj'este dia lh'outrém der maior contia, **ficará** com el de grado” – *Come asno no mercado*, poema de João de Gaia;
- b) “Ca, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d'homen se **poderia** recordar de totalas cousas passadas, ainda que as ñ achasse de novo que he ja cousa muy mais grave?” - *Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 2.

No século XIV, podemos ver mais claramente o quão genérico era o verbo “haver” em seu uso lexical. O verbo podia ser empregado: para indicar passagem do tempo (exemplo 8.1.a), como verbo leve (exemplos 8.1.c e 8.1.h), com o sentido de “existir” (exemplo 8.1.b), com sentido de “obter” (exemplos 8.1.e, 8.1.i e 8.1.j) e com sentido de posse permanente ou intrínseca ao sujeito (exemplos 8.1.d, 8.1.f e 8.1.g). O seu uso como auxiliar temporal com participípio, por sua vez, já se mostrou mais gramaticalizado nesse século, já que foram encontrados empregos do verbo como auxiliar ao lado de participípios que não estavam realizando concordância com o objeto (exemplos 8.2.a, 8.2.b e 8.2.c).

Já nos usos do verbo como auxiliar modal, é necessário destacar os exemplos 8.3.a e 8.4.a, que correspondem às previsões de um oráculo, o que torna difícil a classificação desses dois casos, já que o “haver” pode ser entendido tanto como um auxiliar modal deôntico quanto como um auxiliar modal epistêmico, algo que precisa acontecer de acordo com um conjunto de regras (as regras do oráculo ou a lei divina) ou algo deve acontecer de acordo com as evidências disponíveis (uma suposição do que acontecerá no futuro). Porém, através do contexto sintático e semântico que envolvia o verbo nesses dois casos, pôde ser feita uma análise mais precisa, que classificou os dois exemplos de forma diferente. A mesma dificuldade de classificação ocorre no exemplo 8.5.d, em que, apesar de o verbo estar classificado como auxiliar temporal de futuro, ele tende para uma interpretação modal deôntica.

Levando tudo isso em consideração, vejamos agora como se comporta esse verbo no século XV:

## 9. Exemplos do século XV

### 9.1 Verbo lexical

- a) “Em outro dia, estavam mui grandes tendas armadas no Rossio, acerca daquele mosteiro, em que **havia** grandes montes de pão cozido” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 34;
- b) “Galvam, que **houve** grá pesar sobejo, respondeu chorando” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 1;
- c) “e ouviram dizer como fôra morto, houveram pesar e prazer – pesar da sua morte, e prazer de **haverem** em sa irmidia tal homem como aquel” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 3;

- d) “feze-a meter em ùa torre taa que **houvesse** filho” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 7;
- e) “Mais Deus, que houve grã piedade del e porque nom **havia que veer** na maldade de seu padre, pensou dêle” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 7.

## 9.2 Verbo auxiliar temporal com participípio

- a) “E o cavaleiro que o **havia desfiado** leixou-se corre a êle” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 4;
- b) “mas, sem falha, nom cuidou que era Galvam, polas armas que **havia cambadas**” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 1.

## 9.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “E quando o conde **houve de velar** suas armas, no mosteiro de S. Domingos dessa cidade, ordenou El-rei que dê's'aquele mosteiro até os seus paços, que é assaz grande espaço, estivessem quedos aqueles homens todos” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 33;
- b) “E o cardinal fêz fazer prestes três barcas pequenas: duas em que fossem os reis, com certos que consigo haviam de levar, sem nenhuma's armas; e outra em que êle fosse (que **havia de ser** fiel entre eles), e os notários, para darem fé de todo o que se ali passasse.” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 124;
- c) “Ora nom **havemos que** tardar mais; vaamos a êle e peçamos-lhe mercee e fazamo-lo senhor dêste castelo, assi como deve a seer, e tornar-xe-nos-á [êsto] em honra e seremos havidos por leaes.” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 15;
- d) “El-rei, quando isto ouviu, para saber de que guisa era, não via o dia que estivesse com êle, para lho **haver de** preguntar.” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 24.

## 9.4 Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “E o cardinal fêz fazer prestes três barcas pequenas: duas em que fossem os reis, com certos que consigo **haviam de levar**, sem nenhuma's armas; e outra em que êle fosse” – *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 124.

### 9.5 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “Tolhede, disse ela, vosso elmo, e **ver-vos-ei**, ca em outra guisa nom vos derei rem do que quero.” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 9;
- b) “o coraçom me diz que vos **há-de contecer** alguũ mal” - *A Demanda do Santo Graal*, p. 10;
- c) “pois nenhum, por rogo nem poderio, **havia de escapar** da pena merecida” - *Crónicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 29.

### 9.6 Afixo temporal

- a) “E êle por seu corpo os queria punir e atormentar, assim como quisera fazer a um bispo do Porto, na maneira que vos **contaremos**.” – *Crónicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 23;
- b) “mas já agora sou seguro que nunca ma **dará!**” – *Crónicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 28;
- c) “por tal feito, não lhe guardando sua jurisdição, **haveria** o Papa sanha dele” – *Crónicas de D. Pedro e D. Fernando*, p. 26.

No século XV, período em que já ocorre a diminuição da produtividade do verbo “haver”, surge uma expressão cristalizada que até então não havia aparecido em nossos dados: “nom havia que veer” (exemplo 9.1.e), que equivale à versão contemporânea “não tinha nada a ver”, indicando que uma coisa não tem relação com a outra. Ainda olhando para os usos lexicais do verbo, vemos que há uma ocorrência em que o verbo carrega o sentido de posse transitória: “houveram pesar e prazer – pesar da sua morte, e prazer de **haverem** em sa irmidia tal homem como aquel” (exemplo 9.1.c). Nesse exemplo, o verbo “haver” tem um sentido próximo ao de “manter” ou de “receber”, “acolher”, já que o homem estava sendo recebido na ermida como um visitante. Também podemos considerar que o verbo “haver” carrega um sentido próximo ao de “existir”, “haver/existir tal homem como aquele em sua ermida”, porém sem o sujeito detematizado.

Além disso, também é importante destacar, no uso do verbo como auxiliar temporal, a permanência de estruturas em que o particípio está flexionado, o que mostra que a forma em estágio inicial de gramaticalização conviveu por muito tempo com a forma mais gramaticalizada.

No uso do verbo como auxiliar modal raiz, aparecem dois casos peculiares: uma perífrase composta pelo verbo “haver” e a conjunção “que” (exemplo 9.3.c), similar ao “ter que” do português contemporâneo, e uma perífrase que apresenta o mesmo sentido do verbo “poder” (exemplo 9.3.d), ou seja, uma perífrase em que “haver de” passa uma ideia de possibilidade e não de necessidade.

Nesse século, continua sendo comum a variação entre o “haver” auxiliar de tempo futuro e o afixo temporal derivado desse auxiliar, sendo recorrentes também os casos de mesóclise, que indicam que o afixo ainda é interpretado pelos falantes como uma palavra independente, como um verbo auxiliar.

Deixando de lado os usos do verbo “haver” no período arcaico, veremos agora quais foram os usos desse verbo no período moderno, entre os séculos XVI e XVIII:

**Tabela 4:** Usos do verbo “haver” no período moderno

	Verbo lexical	Auxiliar temporal (particípio)	Auxiliar modal (raiz)	Auxiliar modal (epistêmico)	Auxiliar temporal (futuro)	Afixo temporal (futuro)
Século XVI	26	1	8	7	28	70
Século XVII	24	8	14	6	14	62
Século XVIII	5	1	-	1	2	10

**Fonte:** Autora do trabalho

Como se pode perceber, houve uma redução considerável da produtividade do verbo “haver” no período moderno da língua portuguesa. Contudo, no século XVI, o verbo teve um aumento nas ocorrências como auxiliar modal (raiz e epistêmico), auxiliar temporal de futuro e afixo temporal. Assim, percebe-se que o verbo permaneceu produtivo como auxiliar modal e auxiliar de futuro até o século XVII. No século XVIII, houve uma queda da produtividade do verbo em todos os contextos, fazendo com que o seu uso mais produtivo fosse o uso como afixo temporal.

Para entender melhor esses dados, vamos aos exemplos dos usos do verbo “haver” nos séculos XVI e XVII:

## 10. Exemplos do século XVI

### 10.1 Verbo lexical

- a) “Senhor, dias **há** que sento / Em o Principe Antiôcho / Certo descontentamento” – *El-Rei Seleuco*, p. 9;
- b) “Ora, Inês, que **hajais** bênção / De vosso pai e a minha” – *Farsa ou Auto de Inês Pereira*, p. 7.

### 10.2 Verbo auxiliar temporal com participípio

- a) “Deixei mais que ella **há deixado**” – *El-Rei Seleuco*, p. 22.

### 10.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Si, mas porém nunca vemos / A natureza esmerar / Adonde **haja que** taxar” – *El-Rei Seleuco*, p. 9;
- b) “**Hemo**-nos, Senhores, **de ir**, / Porque nos está ‘sperando.” – *El-Rei Seleuco*, p. 14;
- c) “**Haveis** isto **de** acabar, / Coração, hi bugiar, / No esteis preso en cadenas, / Que pois o amor vos deo penas, / Que vos lanceis a voar.” - *El-Rei Seleuco*, p. 21;
- d) “Não me podia valer / Diz que **havia de saber** / S’era eu fêmea, se macho.” – *Farsa ou Auto de Inês Pereira*, p. 4.

### 10.4 Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “Que maneira **há de** haver?” – *El-Rei Seleuco*, p. 21;
- b) “Cuido que lhe trago aqui / Pêras da minha pereira... / **Hão-de** estar na derradeira.” – *Farsa ou Auto de Inês Pereira*, p. 10.

### 10.5 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “Senhor, novidades tais / Far-me-**hão** crer de verdade...” – *El-Rei Seleuco*, p. 9;
- b) “Porque he minha pena tal, / E de tão estranho ser, / Que me **hei de** **deixar** morrer” – *El-Rei Seleuco*, p. 10;
- c) “Pois eu também **hei de ir**; / Que não me posso despedir / Donde vejo estar cantando.” – *El-Rei Seleuco*, p. 14.



- d) “Se eu fora já casado, / D’outra arte **havia de** ser / Como homem de bom recado.” – *Farsa ou Auto de Inês Pereira*, p. 10.

## 10.6 Afixo temporal

- a) “Com que olhos eu **olharei** / Hum pae, a quem tanto offendo?” – *El-Rei Seleuco*, p. 10;
- b) “**Seria** algum muchacho, / Que brincava por prazer?” – *Farsa ou Auto de Inês Pereira*, p. 4.

## 11. Exemplos do século XVII

### 11.1 Verbo lexical

- a) “Enquanto não **há** porteiro, vede quem bate a essa porta.” – *O Fidalgo Aprendiz*, p. 229;
- b) “O principal estudo que aos casados pertence para conseguirem esse fim, he aquelle que lhes dà o modo justo de se **haverem**, e para viverem com suas mulheres” – *Carta de Guia de Casados*, p. 7;
- c) “A meu dono, **há** muitos dias / que **havia**, ouvi dizer, / perfias ou perficias” – *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, p. 5.

### 11.2 Verbo auxiliar temporal com participípio

- a) “Sejalhe comtudo desculpa (senão louvor) **haver sido** seu fim em todos seus escritos acomodar sempre o estilo com a materia” – *Carta de Guia de Casados*, p. 8;

### 11.3 Verbo auxiliar modal de raiz

- a) “Despois dessa, entendei logo que, em vos chegando a puxar ó ponto, **haveis de tomar**... / Já sei: as de vila Diogo!” – *O Fidalgo Aprendiz*, p. 233;
- b) “Basta, que o triste pastor / por tal frio se **há de erguer** / para ganhar seu suor / enquanto fica a mulher / debaixo do cobertor.” – *Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus*, p. 3;
- c) “sou seu page e seu lacaios e inda **hei-de ser** seu Pacheco, conforme a tudo me ensaio!” – *O Fidalgo Aprendiz*, p. 226.

#### 11.4 Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “O successos da Bahia, senhor, é o que para sempre nos **há de concertar** ou desconcertar com esta gente; e até vir recado d’elle poderão entreter-nos com conferencias, mas não **hão de concluir** o tratado.” – Cartas do Padre Antônio Vieira, p. 14.

#### 11.5 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “Se lição **há de tomar**, despachemos, que tem homem outros mil, que lição tomem!” – O Fidalgo Aprendiz, p. 229;
- b) “há muitos dias / que havia, ouvi dizer, / perfias ou perficias, / que **havia de nacer** / em nosso tempo o Messias.” – Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus, p. 5.

#### 11.6 Afixo temporal

- a) “Sou velho, já fui mancebo, cousa que, mal que lhe pês, **virá** por vossas mercês...” – O Fidalgo Aprendiz, p. 226;
- b) “hoje nos tornamos a embarcar, **quererá** Deus que nos acompanhem os mesmos ventos que ainda vão continuando” – Cartas do Padre Antônio Vieira, p. 16;
- c) “Silvestre: ‘Sabes tu que horas são?’ / Gil: ‘Agora mais de trinta horas **serão.**’” – Auto e colóquio do nascimento do menino Jesus, p. 4.

Olhando para os usos lexicais do verbo nos séculos XVI e XVII, percebe-se uma pequena mudança no seu conjunto de significados, já que o verbo, além de aparecer marcando a passagem do tempo (exemplos 10.1.a e 11.1.c), indicando posse de bens imateriais adquiríveis (exemplo 10.1.b) e indicando existência (exemplo 11.1.a), aparece também com o sentido de “resolver” (exemplo 11.1.b).

Com relação ao uso do verbo como auxiliar de particípio, percebe-se que, em ambos os séculos, não se encontra mais o verbo acompanhado de um particípio flexionado, o que mostra que a perífrase verbal com particípio já estava totalmente gramaticalizada e já havia se consolidado na língua.

No uso do verbo como auxiliar modal raiz, a perífrase “haver que” volta a aparecer (exemplo 10.3.a), assim como a perífrase “haver de” indicando possibilidade (exemplo 10.3.c). Além disso, nos séculos XVI e XVII, o verbo “haver”

modal raiz aparece, em algumas sentenças, com um significado de volição, podendo ser classificado como modal boulético<sup>8</sup>. Esse significado aparece nos exemplos 10.3.d e 11.3.c.

Ademais, no século XVII, há algumas ocorrências peculiares do verbo “haver” como afixo temporal, em que ele carrega uma interpretação que não é exatamente a de tempo futuro. No exemplo 11.6.b, “hoje nos tornamos a embarcar, **quererá** Deus que nos acompanhem os mesmos ventos que ainda vão continuando”, há uma ideia de volição, tendendo para o sentido de modalidade boulética. Já no exemplo 11.6.c, “Agora mais de trinta horas **serão**”, o verbo flexionado no futuro carrega um sentido epistêmico. Assim, percebe-se que os sentidos de modalidade boulética e modalidade epistêmica estão bastante próximos do sentido de tempo futuro, fazendo parte da carga semântica do verbo “haver” e podendo aparecer até mesmo em seu uso mais gramaticalizado, como afixo temporal.

Por fim, vamos ver como o verbo “haver” se comporta no século XVIII:

## 12. Exemplos do século XVIII

### 12.1 Verbo lexical

- a) “ficai escondido neste effugio, que **há** tempos me serve de asilo á tyrannia d’hum barbaro” – *Lances da Ventura – Tomo V*, p. 37;
- b) “Não usando do chocolale este venerável prelado, formarão disto alguns matéria de reparo, por **haver** no seu bispado (que era então La Puebla de los Angeles) os melhores ingredientes d’aquella solemne bebida.” – *Nova Floresta*, p. 20.

### 12.2 Verbo auxiliar temporal com participípio

- a) “mas desenganado de que a sua alma **voado havia** á pátria do descanso” – *Lances da Ventura – Tomo V*, p. 29.

### 12.3 Verbo auxiliar modal epistêmico

- a) “Outros sobem tão do ponto seus e!ogios, que não falta quem diga que se os entendimentos comessem, **havia de ser** chocolate.” – *Nova Floresta*, p. 21.

---

<sup>8</sup> Para saber mais, ler Kratzer (1981, 1991) e Lunguinho (2010).

#### 12.4 Verbo auxiliar temporal de futuro

- a) “Em quanto amor bem me pague / **Hei de servir** bem Amor” – Viola de Lereño, p. 43;
- b) “e ficando Muley escondido no sitio determinado, onde Fatima lhe **havia de fallar**, esperei eu cuidadoso, mais ao longe” – *Lances da Ventura – Tomo II*, p. 137.

#### 12.5 Afixo temporal

- a) “jureis por esse Grande Deos, que domina, e tem seu assento no mais alto dos mesmos Ceos, que me não **fareis** mal.” – *Lances da Ventura – Tomo V*, p. 36;
- b) “não **seria** facil o sopportar o impetuoso tropel de tantas desventuras” – *Lances da Ventura – Tomo V*, p. 30.

O que se nota é que, nesse último século, o verbo teve uma redução de produtividade em todos os contextos, inclusive como auxiliar temporal de futuro e como afixo temporal. Em seus usos lexicais, o verbo ainda indica passagem do tempo (exemplo 12.1.a) e existência (exemplo 12.1.b). Como auxiliar modal raiz, não encontramos nenhuma ocorrência, o que mostra que o verbo já foi suplantado por “ter” nesse contexto.

A próxima seção vai trazer uma análise dos dados aqui apresentados, buscando, primeiramente, explicar o processo de gramaticalização do verbo “ter” no português e, depois, as diferenças entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no período arcaico.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 O surgimento das perífrases com *ter*

##### 3.1.1 *Ser teudo de e ter de*

Como se pôde observar na apresentação dos dados, os usos modais de “ter” no período arcaico eram, basicamente, constituídos pela construção “ser teudo de”, em que o verbo “ter” na forma de particípio possuía um valor de obrigação, conforme já foi observado por Brocardo (2019). A partir disso, nos resta questionar se esse valor de obrigação surge com o verbo na forma de particípio ou se já existia no verbo “ter” na sua forma flexionada.

A minha hipótese é a de que o verbo só adquire esse sentido na sua forma de particípio, após passar por um processo de gramaticalização e se tornar um adjetivo com o mesmo valor do adjetivo “obrigado”, utilizado atualmente em construções do tipo *ser*<sub>flexionado</sub> + *obrigado a* + *V*<sub>infinitivo</sub>. O exemplo 1.2.d, do século XIII, mostra essa equivalência entre as duas construções: “Assy como nós sumos **teodos** de dar gualardõ dos bẽes deste mundo aos que nos y seruẽ” = “Assim como nós somos obrigados a dar recompensa dos bens deste mundo aos que aqui nos servem”.

Analisando a história do verbo “ter” na língua portuguesa, percebe-se, conforme aponta Coelho (2006), que um dos sentidos abstratos do verbo no período arcaico era o sentido de “dispor de”. Levantando também a hipótese de que a construção “ser teudo de” teve a sua origem nesse sentido do verbo, poderíamos supor que “ser teudo de” teria um sentido similar ao da construção “ser/estar disposto a” ou “ser/estar mantido à disposição para”. Vejamos alguns exemplos do verbo para ver se essa interpretação é válida:

- “Porque sumos **teodos** d’amar e d’onrrar a sancta eygreya subre todallas cousas do mundo” (exemplo 1.2.a) = “porque estamos dispostos a amar e honrar a santa igreja sobre todas as coisas do mundo”;

- “sumos **teudos** a uos dom Diego d(e) uos amar & d(e) uos s(er)uir” (exemplo 1.2.c) = “somos mantidos à disposição a vós, dom Diego, para vos amar e para vos servir”.

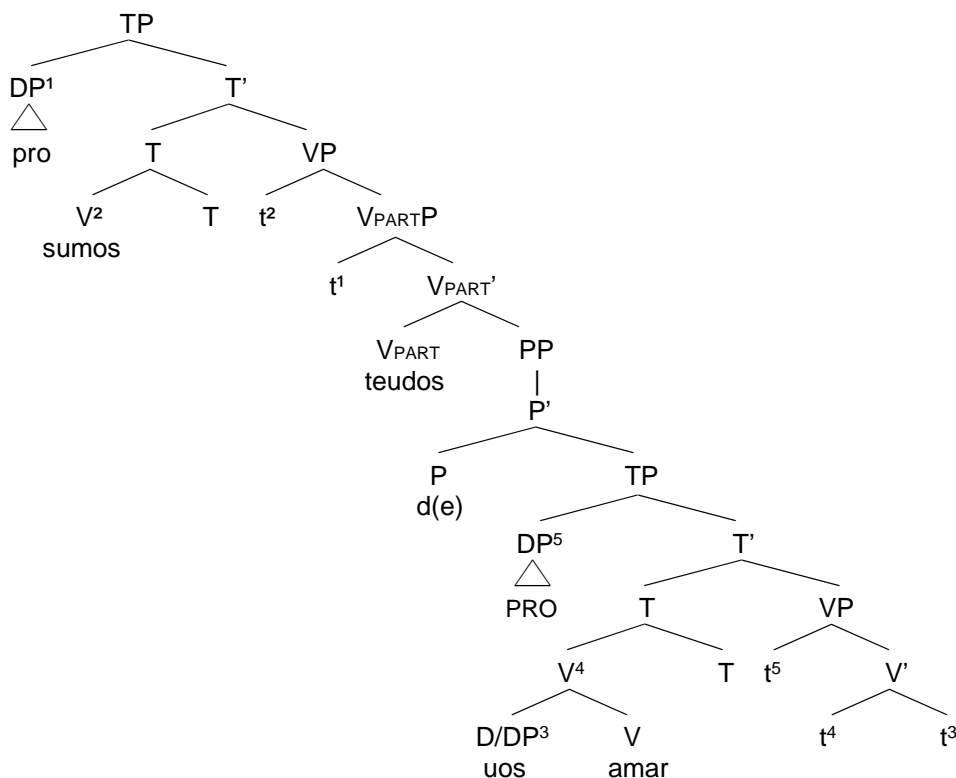
Levando em conta o contexto por trás dos trechos mencionados, notamos que, em um primeiro momento, soaria estranho caso substituíssemos “ser teudo de” por “ser obrigado a”, já que o intuito dos autores dos textos era demonstrar uma vontade genuína de servir os seus superiores. Trazendo a teoria de Portner (2009) acerca dos modais performativos, podemos traçar o caminho que fez o verbo saindo desse sentido de “ser/estar disposto” até o sentido de “ser obrigado”. Segundo o autor, a performatividade nas construções modais deônticas ocorre quando a sentença com o verbo modal executa um ato de fala de caráter diretivo, ou ainda, nos termos de Nuyts (2001 *apud* PORTNER, 2009), quando o falante se compromete que o destinatário está realmente sob a obrigação de fazer algo. Assim, quando esse destinatário é o próprio falante, isso significa que ele está impondo a si próprio uma obrigação. Dessa forma, quando ele “se dispõe” a fazer algo, se coloca “à disposição”, ele está performando uma obrigação a si próprio e firmando um compromisso com seu interlocutor. Por isso, se o falante diz que “sumos teudos a uos dom Diego d(e) uos amar & d(e) uos s(er)uir”, ele está se colocando à disposição para amar e servir e, conseqüentemente, se comprometendo com isso.

Tendo em vista esse raciocínio, a hipótese levantada por mim neste trabalho é a de que o percurso do verbo “ter” até chegar à perífrase modal “ter de” com sentido deôntico (raiz) seria o seguinte: *ter* > *ser teudo de* > *ter de*. Dentro desse processo de gramaticalização, as classificações sintáticas e semânticas do verbo seriam as seguintes:

1. *ter* (verbo pleno): sentido de “dispor de”;
2. *ser teudo de* (verbo no particípio): valor de disposição;
3. *ser teudo de* (adjetivo): valor modal de obrigação;
4. *ter de* (auxiliar modal): valor modal de obrigação.

Tendo isso em vista, apresento a seguir a estrutura sintática que representa a combinação “ser teudo de” em um exemplo retirado do *corpus* da pesquisa:

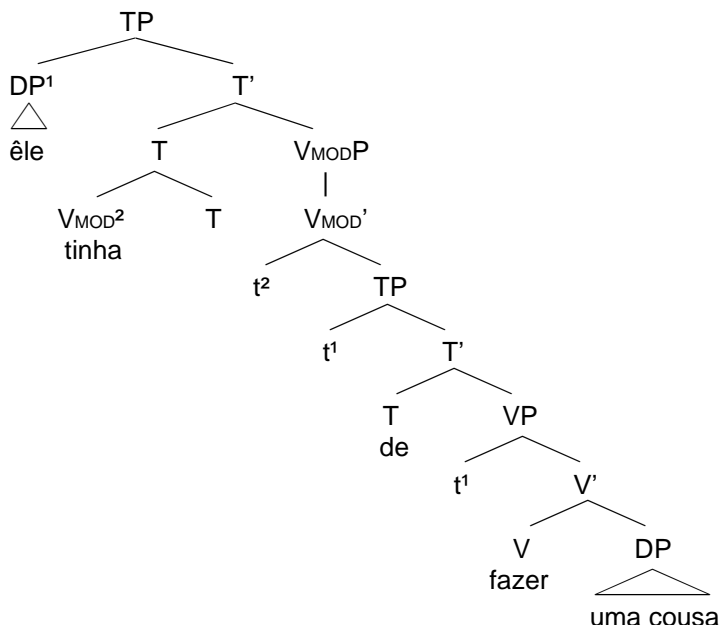
- Verbo pleno no particípio (disposição) na oração “sumos **teudos** [a uos dom Diego] d(e) uos amar”:



A estrutura sintática acima leva em consideração o fato de o verbo no particípio, “teudo”, responsável por carregar a carga semântica de modalidade, com valor de disposição, não sofrer flexão nem concordância com o sujeito, mas sim o verbo “ser”, que serve como auxiliar. Caso o verbo “ter” já estivesse em um estágio mais avançado de gramaticalização, correspondendo a um adjetivo com o valor de obrigação, a única coisa que mudaria na árvore seria o nome do constituinte do verbo, que deixaria de ser  $V_{\text{PARTÍCIO}}P$  e se tornaria AdjP. A organização sintática, contudo, seria a mesma.

Vejamos agora a estrutura sintática do verbo modal “ter de”:

- Auxiliar Modal (obrigação) – “êle **tinha de** fazer uma coisa”:



Essa segunda estrutura sintática foi feita com base em Lunguinho (2019), que analisa o item “de” que antecede o verbo no infinitivo como: a) o elemento responsável por sua ausência de flexão e b) a lexicalização do núcleo funcional T (cf. BHATT, 1997; CATTANEO, 2008 *apud* LUNGUINHO, 2019). O verbo “ter”, nessa estrutura, carrega a carga semântica de modalidade, proveniente do sentido “dispor de” do verbo em sua fase lexical. Além disso, nessa estrutura, que corresponde à fase final do processo de gramaticalização do verbo, é o próprio “ter” que realiza a flexão e a concordância com o sujeito.

Na próxima subseção, veremos como é a estrutura gramatical da perífrase “ter que” e se há alguma diferença em relação a “ter de”.

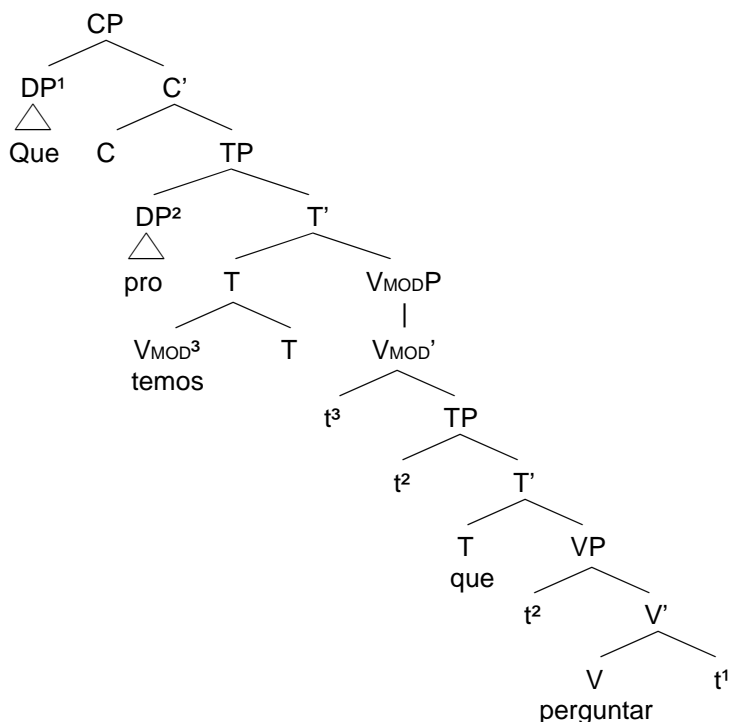
### 3.1.2 Ambiguidade estrutural com *ter que*

Ao analisar as sentenças com a perífrase “ter que” nos séculos XVII e XVIII, nota-se que a maior parte dessas sentenças carregam uma certa ambiguidade semântica e estrutural, como se pode perceber no exemplo 5.3.a: “Que temos que perguntar?”. Nesse exemplo, podemos interpretar a construção de duas formas: como constituída por uma perífrase modal, “ter que”, equivalendo a “Temos que



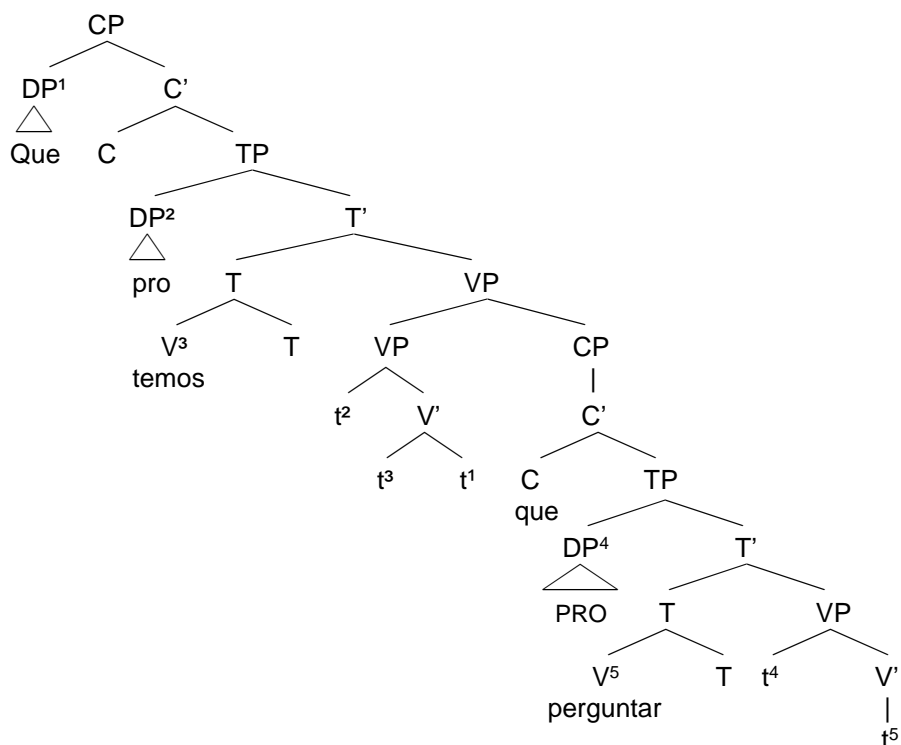
perguntar o quê?"; ou como constituída por um verbo pleno, "ter", equivalendo a "Temos o que para perguntar?". A estrutura a seguir representa essa primeira interpretação:

- Auxiliar Modal (obrigação) – "Que **temos** que perguntar?":



Na primeira interpretação, a primeira instância da palavra "que" é um pronome interrogativo, que equivale a "o que" e que se desloca da sua posição de argumento interno do verbo "perguntar" para o especificador de CP. A segunda instância de "que", que aparece depois do verbo "ter", faz parte da perífrase "ter que" e que, segundo análise de Lunguinho (2019), a posição de núcleo do TP do domínio infinitivo. Como dissemos, essa representação corresponde à interpretação do verbo "ter" como um auxiliar modal. A próxima representação vai mostrar o verbo "ter" lexical, pleno:

- Verbo pleno – “Que **temos** que perguntar?”:



Nessa segunda interpretação, a primeira instância da palavra “que” é um pronome interrogativo e constitui o argumento interno do verbo lexical “ter”. A palavra “que” se desloca da sua posição de argumento interno para a posição de especificador de CP. A outra instância da palavra “que”, por sua vez, é uma conjunção que relaciona o VP do verbo lexical “ter” a uma outra oração, com verbo no infinitivo.

Dessa forma, para entender a ambiguidade da sentença, é necessário perceber que a palavra “que”, a qual aparece no especificador de CP, funciona como pronome interrogativo e pode ser argumento interno do verbo encaixado (o verbo “perguntar”) na estrutura em que “ter” é auxiliar modal, ou pode ser argumento interno do verbo “ter”, na estrutura em que esse verbo funciona como verbo lexical.

Nas primeiras aparições de “ter que” presentes em nosso corpus da língua portuguesa, esse tipo de ambiguidade era muito comum. A ambiguidade se dava pelo fato de a perífrase ainda não estar totalmente cristalizada na língua, estando ainda no meio do seu processo de gramaticalização. Além disso, é provável que o próprio surgimento de “ter que” na língua portuguesa tenha se dado através de uma ambiguidade estrutural.

De acordo com Said Ali (1966) e Lunguinho (2009), a provável origem de “ter que” foi uma construção do tipo *ter*<sub>flexionado</sub> + N + *que* + *V*<sub>infinitivo</sub>, como por exemplo: “Tenho algo que fazer”, ou ainda “Tenho algo que deva fazer” (SAID ALI, 1966). Nesse processo, sentenças como “Tenho algo que fazer” possuíam uma estrutura sintática ambígua, de modo que uma interpretação foi dando lugar à outra à medida que a construção foi se gramaticalizando e se tornando uma perífrase modal. Dessa forma, a sentença poderia ser interpretada de duas formas, que constituem duas etapas do processo de gramaticalização:

Etapa 1: Tenho (algo) [que fazer]

Etapa 2: Tenho [que fazer algo].

De acordo com Lunguinho (2009), na primeira etapa, o verbo “ter” ainda é um verbo transitivo e a palavra “que” é um pronome relativo. Esse relativo faz referência ao substantivo que funciona como complemento de “ter”, o qual muitas vezes era omitido na sentença. Já na segunda etapa, “ter” perde o seu complemento e, conseqüentemente, a sua transitividade. A palavra “que”, por sua vez, se torna uma conjunção, já que o seu referente se perdeu. Com essa mudança, surge a perífrase modal “ter que”, que se fixa na língua e passa a concorrer com “ter de”.

### **3.2 Diferenças modais entre as perífrases com *ter* e *haver***

Na pesquisa realizada neste trabalho, foi possível identificar diferentes usos lexicais dos verbos “ter” e “haver”. O verbo “ter”, conforme já havia sido proposto por Brocardo (2006, 2014), apareceu indicando posse transitória, sendo recorrente a utilização do verbo com os significados de “manter”, “dispor de” e “considerar”. Assim, o que se percebe é que, com relação ao verbo “ter”, Said Ali (1966) e Brocardo (2006, 2014) não estavam trabalhando com ideias opostas, já que “manter” indica posse transitória, assim como “dispor de”.

Já o verbo “haver” apareceu principalmente com os sentidos de: posse permanente; relação inerente (filiação, etc.); “alcançar”, “obter”; e “existir”, em orações sem sujeito. Além disso, apareceu indicando a passagem do tempo, como verbo leve e com outros sentidos, menos recorrentes. Desse modo, percebe-se que

o verbo “haver” chega à língua portuguesa já com significados bastante diferentes: posse permanente e o sentido de “alcançar”, “obter”. Contudo, esses significados, apesar de bem diferentes, não são totalmente opostos, já que esse sentido de “obter” pode estar vinculando uma noção de futuridade à ideia de posse permanente. Assim, quando se “obtem” algo, esse algo que é obtido passa ser a posse permanente.

No exemplo 7.1.c, temos a sentença “mais os senhores d’essas cousas **ajam**-nas todas em paz”, que se trata de um trecho da Lei de 1211 de Afonso II. De acordo com essa lei, os senhores que tiverem perdido seus pertences em um naufrágio têm o direito de “recuperá-los em paz”, sem serem furtados pelos inspetores reais, e passam a ser punidos todos aqueles que furtarem as vítimas de naufrágio em território português. Desse modo, o sentido de “recuperar” ou “obter” do verbo “(h)aver” leva em consideração a noção de posse permanente, de modo que a posse física é perdida, mas recuperada a partir do momento em que os senhores encontram seus pertences, reestabelecendo a posse permanente deles.

Assim, neste trabalho, consideramos que o verbo “ter”, em sua essência, transmite a ideia de posse transitória, ao passo que o verbo “(h)aver”, em sua essência, transmite a noção de posse permanente, conforme também é entendido por Brocardo (2006, 2014) e Mattos e Silva (2006).

Tendo em vista essas diferenças lexicais entre os dois verbos, nós então trazemos uma análise que explica as diferenças modais entre as perífrases “ter de/que” e “haver de”. Olhando para os nossos dados, percebemos que, no português arcaico, a perífrase com “haver” era mais genérica, podendo expressar tanto modalidade deôntica e epistêmica quanto tempo futuro. Vejamos novamente alguns exemplos do século XIV:

- “e devysoulhes todo o que **avyam de fazer** e que, sse hũu delles morresse, que logo fosse posto outro ã seu logar.” (exemplo 8.3.b);
- “ẽtendeu per arte de astronomya que em aquelle logar **avya de seer** pobrada hũa muy nobre cidade.” (exemplo 8.4.a);
- “queremos aquy falar mais largo por que tange aa estoria d’Espanha de que **avemos de contar** en este livro” (exemplo 8.5.b).

Percebe-se que, no primeiro exemplo, a perífrase com “haver” está indicando modalidade raiz do tipo deôntica, em que a oração com a perífrase equivale a “tudo o que **precisavam fazer**”. Já no segundo exemplo, a perífrase indica modalidade epistêmica, tendendo também para a modalidade deôntica por se tratar de previsão do futuro feita por um oráculo. A oração com a perífrase modal, nesse exemplo, pode ser substituída por “naquele lugar **devia/deveria ser** povoada uma cidade muito nobre”. O terceiro exemplo, por sua vez, apresenta uma perífrase com “haver” com valor de futuro, que equivale a “**contaremos**” ou “**vamos contar**”.

Com isso, conclui-se que o valor modal de “haver” era bastante genérico no período arcaico, sendo os usos da perífrase com “haver” bastante confundidos uns com os outros, já que, em muitas ocorrências, a perífrase pode ser interpretada como uma representação tanto da modalidade deôntica quanto da modalidade epistêmica, ou tanto da modalidade epistêmica quanto do tempo futuro. Assim, a modalidade expressa pelo verbo “haver” é uma modalidade mais fraca, pois, na maioria dos casos, é uma modalidade que tende para o epistêmico e para a previsão de coisas que ainda vão acontecer.

O uso modal de “ter”, por sua vez, se comporta de outra forma. A primeira aparição de uma perífrase modal com “ter” flexionado ocorreu, como já comentado anteriormente, no século XV. Vejamos novamente que aparição foi essa:

- “êle **tinha de fazer** uma cousa em que não queria que fossem presentes” (exemplo 3.3.a).

Nesse exemplo, a perífrase “ter de”, com seu valor modal deôntico, diz respeito a uma necessidade forte, diferindo-se bastante dos usos modais de “haver” encontrados na mesma obra, *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*, que passam a ideia de necessidade fraca, aproximando-se mais da modalidade epistêmica e da noção de futuro. O que se percebe é que “ter de” é usado para contrastar com “haver de” na narrativa, indicando uma necessidade mais urgente, que pouco tem a ver com a noção de futuro transmitida por “haver de”.

Levando em consideração essa percepção, juntamente com a análise das diferenças lexicais entre “ter” e “haver”, trago uma análise que relaciona essas diferenças modais com as diferenças de caráter lexical.

Inicialmente, havia o verbo “ter” com sentido de posse transitória, significando “dispor de”: dispor de escudo, de lança para lutar (exemplo 3.1.b). Esse uso do verbo evoluiu para a construção “ser teudo de”, que indicava “ser mantido à disposição para”. Esse uso carrega traços da noção de posse transitória, pois quem ou o que é “mantido à disposição” está lá para servir temporariamente, para ser utilizado para algum fim e depois ser descartado, encerrando a relação de posse. Assim, algo que é “teudo de fazer” é também “mantido para fazer” por pouco tempo, indicando que a ação deve ser efetuada logo, o quanto antes. Dessa forma, quando a construção evoluiu para a perífrase “ter de”, o verbo, através da noção de posse transitória, passou a transmitir uma ideia de urgência.

O mesmo ocorreu com “ter que”. No processo de gramaticalização do verbo, a sentença ambígua “ter algo que fazer” se tornou “ter que fazer algo”. Essa sentença ambígua, por sua vez, carregava ainda a semântica do verbo lexical, indicando posse transitória. Assim, quando uma pessoa “tem algo que fazer”, ela “dispõe de algo para fazer” ou ela “mantém algo para fazer”, o que significa que aquilo deve ser feito com urgência, já que esse “algo” não estará ali para sempre, porque se trata de uma posse transitória.

Por outro lado, o verbo “haver”, que carregava o sentido de posse permanente, passou por um processo similar chegando a uma noção de “modalidade não urgente” ou modalidade fraca. Quando se diz “eu hei algo de fazer” ou “ele há algo para fazer” (sentido de posse do período arcaico), esse “algo” é uma posse permanente, o que faz com que não haja urgência na realização da ação, já que aquilo estará à disposição para ser feito por muito tempo ou para sempre. Assim, a noção transmitida por “haver” é muito mais uma noção de futuro, de algo que será feito em algum momento, do que de uma obrigação urgente, de algo que precisa ser feito o quanto antes. E isso torna a modalidade expressa por “haver” mais fraca que a modalidade expressa por “ter”.

Além disso, o caráter genérico de “haver”, tanto em seus usos lexicais quanto em seus usos modais, fez com que esse verbo, com o passar do tempo, fosse suplantado por “ter” nesses contextos e em alguns outros. O verbo “ter”, em seu uso lexical, possuía menos nuances de significado, exprimindo um sentido de posse mais preciso. Já em seu uso modal, o verbo exprimia uma modalidade mais forte, o que impossibilitava que ele, enquanto modal raiz, fosse confundido com um modal epistêmico ou com um auxiliar de tempo futuro.

Assim, o verbo “haver” passou a ter os seus contextos de uso restringidos, passando a ser utilizado, no período moderno da língua portuguesa, para exprimir principalmente: passagem do tempo e o sentido de “existir” (uso lexical); tempo pretérito, combinado ao particípio (uso como auxiliar temporal); e tempo futuro e modalidade boulética e epistêmica, combinado ao infinitivo (uso como auxiliar temporal/modal).

Vejamos alguns exemplos desses usos do verbo no século XVII:

- “A meu dono, **há** muitos dias / que havia, ouvi dizer, / perfias ou perficias” (exemplo 11.1.c)
- “Enquanto não **há** porteiro, vede quem bate a essa porta.” (exemplo 11.1.a)
- “Sejalhe comtudo desculpa (senão louvor) **haver sido** seu fim em todos seus escritos acomodar sempre o estilo com a materia” (exemplo 11.2.a);
- “Se lição **há de tomar**, despachemos, que tem homem outros mil, que lição tomem!” (exemplo 11.5.a)
- “sou seu page e seu lacaio e inda **hei-de ser** seu Pacheco, conforme a tudo me ensaio!” (exemplo 11.3.c)
- “mas não **hão de concluir** o tratado.” (exemplo 11.4.a).

No primeiro exemplo, temos o verbo sendo utilizado como pleno, indicando passagem do tempo. No segundo exemplo, temos o verbo empregado com o sentido de “existir”, em uma oração com sujeito detematizado. No terceiro exemplo, temos ele sendo utilizado como auxiliar temporal, combinado ao particípio. No quarto, o verbo está sendo utilizado como auxiliar de tempo futuro. No quinto, como auxiliar modal raiz do tipo boulético, exprimindo desejo do falante. Já no sexto exemplo, o verbo está sendo utilizado como auxiliar modal epistêmico, indicando uma suposição. Todos esses usos do verbo, exceto o uso como auxiliar modal boulético, foram encontrados, em nossos dados, também no século XVIII, indicando que esses usos do verbo foram os que persistiram e se mantiveram na língua portuguesa pelo menos até o final do período moderno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das propostas de gramaticalização de Barros (2012) e Coelho (2006), das análises lexicais de “ter” e “haver” feitas por Brocardo (2006, 2014) e Mattos e Silva (2006), da teoria performativa de Portner (2009) e das teorias sobre a origem das perífrases modais de Said Ali (1966) e Lunguinho (2009), o presente trabalho buscou explicar o surgimento de “ter de” e “ter que” na língua portuguesa e determinar as diferenças semânticas entre as perífrases modais com “ter” e “haver” no português arcaico, analisando como se deu o processo de gramaticalização dos dois verbos até chegar nessas perífrases. Para isso, foram investigados dados do século XIII até o século XVIII, levando em consideração os usos de “ter” e “haver” como verbos plenos e como verbos auxiliares de tempo e modalidade.

Conforme foi mostrado neste trabalho, as perífrases modais com “ter” não surgiram na língua portuguesa através dos mesmos processos de mudança linguística. Assim, podemos estabelecer dois diferentes percursos de “ter” até as perífrases “ter de” e “ter que”, que estão resumidos a seguir:

**TER DE:** *ter (“dispor de”) > ser teudo de fazer > ter de fazer*

**TER QUE:** *ter (posse transitória) > ter algo que fazer > ter que fazer*

Além disso, existe uma relação direta entre os sentidos lexicais dos verbos “ter” e “haver” e os seus usos modais no período arcaico. Dessa forma, o processo de mudança dos dois verbos se resume a seguir:

*ter (posse transitória) > ter de/que (modalidade mais forte / urgente)*

*haver (posse permanente) > haver de (modalidade mais fraca / não urgente)*

Com essa análise, espero ter contribuído com os estudos sobre a gramaticalização de verbos plenos em auxiliares modais na língua portuguesa e com



o estudo da diacronia dos verbos “ter” e “haver”, que são temas ainda bastante investigados devido à sua complexidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Textos teóricos

BARROS, E. *Construções Modais com “ter”: gramaticalização e variação*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

BJORKMAN, B.; COWPER, E. Possession and necessity: From individuals to worlds. *Lingua*, v. 182, 2016, p. 30-48.

BROCARD, M. T. “Haver” e “ter” em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane*, n. 277-78, 2006, p. 95-122.

BROCARD, M. T. “Ser teudo de responder” ou “ter de responder”: sobre a emergência de usos deônticos de “ter de (que) + INF” em português. In: *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 35 – Livro de resumos*. Braga, 2019.

BROCARD, M. T. *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. & PERKINS, R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization. Volume II. Focus on types of grammatical markers*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

BYBEE, J.; PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 46. ed., 2005.

COELHO, S. M. *Estudo Diacrônico do Processo de Expansão Gramatical e Lexical dos Itens ter, haver, ser, estar e ir na Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

DOS PRAZERES COSTA, A. L. Mudança no sistema verbal do português: as variantes do futuro do pretérito e a questão da gramaticalização. *Gragoatá*, v. 11, n. 21, 2006, p. 87-100.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KRATZER, A. Modality. In: von STECHOW A.; WUNDERLICH D. *Semantics: an international handbook of contemporary research*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

KRATZER, A. The notional category of modality. In: EIKMEYER H. J.; RIESER H. *Words, worlds, and contexts. New approaches in word semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981.

LONGO, B. N. O. Perífrases temporais no português falado. *Revista Veredas*, 1998.

LUNGUINHO, M. V. *Modalidade coberta e a anatomia do verbo modal ter que / ter de*. Conferência proferida na Universidade de São Paulo, 2019.

LUNGUINHO, M. V. On the acquisition of root and epistemic modals in Brazilian Portuguese. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, p. 131-159, 2014.

LUNGUINHO, M. V. Sobre a concordância modal em português. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 11, p. 117-140, 2010.

LUNGUINHO, M. V. Um aspecto da configuração diacrônica do português paulista: a variação entre ter de e ter que. In: TORRES MORAIS, M. A.; ANDRADE, M. L. da C. de O. *História do Português Paulista. Volume II*, Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2009, p. 197-216.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

OLIVEIRA, M. M. *O Verbo andar e sua Formação de Perífrase Atualizadora de Aspecto no Português*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

OLIVEIRA, R. P.; SCARDUELLI, J. A. Explicando as diferenças semânticas entre ter que e dever: uma proposta em semântica de mundos possíveis. *ALFA*, v. 52, n. 1, 2008, p. 215-234.

POGGIO, R. M. G. F. Considerações sobre a gramaticalização da forma verbal de futuro do latim ao português. In: COSTA, S. B. B.; MACHADO FILHO, A. V. L. *Do Português Arcaico ao Português Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004.

PORTNER, P. *Modality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 2008.

SAID ALI, M. *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*, 2ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SANTOS, S. R. C. *Perífrases Durativas do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008.

VIOTTI, E. Uma história sobre “ter” e “haver”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 34, 1998.

## **Documentos analisados (corpus da pesquisa)**

### **Século XIII**

Chancelaria D. Afonso III - *K(arta) d(omi)ni Reg(is) missa*, Textos Notariais in História do Galego-Português, Documentos Notariais – Douro Litoral, Foros de Garvão – 1280. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

Excertos de Legislação Antiga. Edição de J.J. Nunes. In: *Crestomatia Arcaica*. 4.ed. Livraria Clássica Editora, s.d.

Testamento de D. Afonso II [1214], Notícia de Torto, Lei de 1211 de Afonso II, e Inquirições de Afonso III [1258]. In: *Textos Medievais Portugueses*. Edição de Correia de Oliveira e Saavedra Machado. 2a. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1967.

### **Século XIV**

Alphonse X, *Primeyra Partida* - Título 1. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>. Acesso em: 3 de jun. de 2020.

Crónica Geral de Espanha de 1344. Reconstituição do ms. L, fols. 1-113. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9924/2/ulfl139251\\_tm\\_cge.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9924/2/ulfl139251_tm_cge.pdf). Acesso em: 15 de maio de 2020.

Trovadorismo Português: poemas de João de Gaia, Pedro conde de Barcelos e Afonso Sanches. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/listaautores.asp>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

## Século XV

A Demanda do Santo Graal. Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Organizado por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Vol. II, 1970.

LOPES, Fernão. *Crônicas de D. Pedro e D. Fernando*. In: Antologia Portuguesa: Fernão Lopes - Volume I. Organizada por Agostinho de Campos. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1921.

## Século XVI

CAMÕES, Luiz de. *El Rei Seleuco*. In: Comédias de Luiz de Camões. Editor: A.L. Leitão. Lisboa: Typographia Luso-Hespanhola, 1880.

VICENTE, Gil. *Auto da Alma*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1814](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1814). Acesso em: 17 de abr. de 2020.

VICENTE, Gil. *Farsa de Inês Pereira*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1819](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1819). Acesso em: 17 de abr. de 2020.

## Século XVII

COELHO, A. *Cartas do Padre Antônio Vieira*. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Livraria Magalhães, 1912.

LOPES, Francisco. *Auto e Colóquio do Nascimento do Menino Jesus*. Disponível em: <http://www.cet-e-seiscentos.com/obras>. Acesso em: 6 de jun. de 2020.

MELO, D. Francisco Manuel de. *Carta de Guia de Casados*. Disponível em: [https://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/05cartadeguiadecasa\\_dos](https://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/05cartadeguiadecasa_dos). Acesso em: 4 de jun. de 2020.

MELO, D. Francisco Manuel de. *O fidalgo aprendiz*. In: TAVARES, José Pereira. O poeta melodino. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1921.

## Século XVIII

BARBOSA, Domingos Caldas. *Viola de Lereno: collecção das suas cantigas, offerecidas aos seus amigos*. Nova edição. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1845.

BERNARDES, Padre Manoel. *Nova Floresta*. In: CASTILHO, Antonio Feliciano de. Padre Manoel Bernardes – Excerptos – Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1865.

MONROY, Félix Moreno de. *Lances da Ventura: acasos da desgraça, e heroísmos da virtude*. Tomo II - pela Imprensa Régia, em Lisboa, 1832; Tomo V - pela Imprensa Régia, em Lisboa, 1830.